

Referências Bibliográficas

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, pp. 7-19, julho 2002.

BAKER, Carolyn D. Ethnomethodological analyses of interviews. In: GUBRIUM Jaber F; HOLSTEIN, James A. (Orgs.). **The handbook of interview research**. Thousand Oaks: Sage, 2001. pp. 777- 795.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BASTOS, Liliana C. O uso da primeira pessoa do singular ou da primeira pessoa do plural – Uma questão discursiva. In: **Letras & Letras**. Uberlândia, MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia. v. 4, n. 1, pp.115-130, 1988.

BASTOS, Liliana C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. In: **Calidoscópio**, vol 3, n. 2, maio/agosto, 2005.

BASTOS, Liliana C.; SANTOS, William S. “Caramba, e eu era assim pelo amor de Deus”: A perspectiva do presente na reconstrução identitária em narrativas de conversão religiosa. In: MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, Marisa; CORACINI, Maria J. (Orgs.) **Práticas Identitárias: Língua e discurso**. São Carlos: Editora Clara Luz, pp. 223-234, 2006.

BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. Tradução de Lúcia Quental. In: RIBEIRO, Branca T; GARCEZ, Pedro M (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, pp. 85-105, [1972] 2002.

BRUNER, Jerome. **Acts of Meaning**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

BULL, Peter; FETZER, Anita. Who are *we* and who are *you*? The strategic use of forms of address in political interviews. In: **Text & Talk** 26, pp. 3-37. 2006.

CHIMOMBO, M. Language and Politics. In: **Annual Review of Applied Linguistics**. vol. 19, pp. 215-232, 1999.

CUNHA, C. e CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DE FINA, Anna. Pronominal choice, identity, and solidarity in political discourse. In: **Text**. Vol 15 (3), pp. 379-410, 1995.

DE FINA, Anna. Group Identity, narrative and self-representations. In: DE FINA, A., SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. (Orgs.). **Discourse and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GOFFMAN, Erwing. A elaboração da face. Tradução de J. Russo. In: FIGUEIRA, S. (Org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, pp. 76-114. [1967] 1980.

GOFFMAN, Erwing. Footing. Tradução de Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, pp. 107-148, [1979] 2002.

GOFFMAN, Erwing. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 14ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, [1959], [1975 tradução portuguesa], 2007.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 103-133, [1996] 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª. edição. Rio de Janeiro: DP&A, [1992] 2005.

HUTCHBY, Ian. Building alignments in public debate: A case study from British TV. In: **Text**, vol. 17-2, pp 161-179, 1997.

JOHNSTONE, Barbara. Discourse analysis and narrative. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah e HAMILTON, Heidi E. (Orgs.) **The handbook of discourse analysis**. Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In: **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAKOFF, Robin Tolmach. **Talking power: The politics of language**. U.S.A.: Basic Books-Harper Collins, 1990.

LAKOFF, Robin Tolmach. **The Language War**. Berkley: University of California Press, 2000.

LINDE, Charlotte. **Life stories. The Creation of Coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. Tradução de Cláudia Buchweitz. In: Moita Lopes, L.P.; Bastos, L.C. (Orgs) **Identidades: Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, Branca

Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (Orgs). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IBUP, pp. 55 – 71, 2001.

NORRICK, Neal. Internal Narrative Structure. In: **Conversational Narrative. Story telling in everyday talk**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2000.

POLKINGHORNE, Donald E. **Narrative knowing and the human sciences**. Albany: State University of New York Press, 1988.

RIBEIRO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M. (orgs). **Sociolingüística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RIBEIRO, Branca T.; COULTARD, Carmem R. C.; BASTOS, Liliana C.; QUENTAL, Lúcia; SILVA, Vera P. Quatro interpretações de uma narrativa. In: **Palavras**, vol. 3, pp. 43-77, 1996.

RIESSMAN, Catherine K. **Narrative Analysis**. Qualitative Research Methods Series. Vol. 30. Newbury Park: SAGE, 1993.

RIESSMAN, Catherine K. Analysis of personal narratives. In: GUBRIUM F. Jaber; HOLSTEIN, James A. (Orgs.) **The handbook of interview research**. Newbury Park: SAGE, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

SCHIFRIN, Deborah. Narrative as self-portrait. Sociolinguistic constructions of identity. In: **Language in Society**. vol. 25 (2). Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

TANNEN, Deborah. **Talking Voices. Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, [1989] 1999.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. Tradução de Parmênio Camurça Citó. In: RIBEIRO, Branca T e GARCEZ, Pedro M (Orgs). **Sociolingüística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, pp. 183-214, [1987] 2002.

Observação:

Embora não referenciados no corpo do presente trabalho, os dois textos abaixo serviram de inspiração para minha análise, motivo pelo qual não gostaria de deixar de listá-los, o que faço aqui, de forma um tanto não-convencional.

LAKOFF, Robin Tolmach. The rethoric of the extraordinary moment: the concession and acceptance speeches of Al Gore and George W. Bush in the 2000 presidential election. In: **Pragmatics** 11:3. pp. 309-327, 2001.

MORGAN, Pamela. Self-Presentation in a Speech of Newt Gingrich. In: **Pragmatics**. 7:3, pp. 275-308, 1997.

Anexos

Anexo 1

Matéria publicada no jornal O Globo em 30.08.06 com o título: “Por que sobrevivemos?”

Anexo 2

Matérias sobre a pesquisa de opinião CNT/Sensus realizada entre 2 e 6 de abril de 2006:

- matéria da FolhaOnLine de 10.04.07, 11:54 h, com o título: “Governo Lula registra 3ª. melhor avaliação desde 2003, diz CNT/Sensus” **e**
- matéria do jornal O Globo de 11.04.07 com o título: “Brasileiros culpam governo por caos aéreo; aprovação de Lula aumenta”.

Anexo 3

Matérias sobre a pesquisa de opinião CNI/Ibope realizada entre 30 de novembro e 5 de dezembro de 2007:

- matéria do jornal O Globo em 13.12.07 com o título: “Governo Lula tem sua mais alta avaliação no ano” **e**
- matéria da FolhaOnLine de 12.12.2007, 10:44 h, com o título: “ Governo tem aprovação de 51% da população, diz CNI/Ibope.

Anexo 4

Íntegra dos seis discursos que contêm as 18 narrativas analisadas:

- (01) Discurso pronunciado na cerimônia de formatura do programa ProJovem, em Olinda, PE, em 30.03.07.
- (02) Discurso pronunciado na cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Qualificação Profissional do Prominp e do Programa Jovem Aprendiz em São Paulo, SP, em 02.06.06.
- (03) Discurso pronunciado na cerimônia de formatura do programa Mova Brasil em Nova Iguaçu, RJ, em 14.06.06.
- (04) Discurso pronunciado na abertura da I Conferência Nacional de Economia Solidária em Brasília, DF, em 27.06.2006.
- (05) Discurso pronunciado na assinatura do Protocolo de Intenções de Valorização do Salário Mínimo, no Palácio do Planalto, Brasília, DF, em 27.12.06.
- (06) Discurso pronunciado em Aguiarnópolis, Tocantins, durante visita de vistoria às obras do trecho Araguaína-Aguiarnópolis da Ferrovia Norte-Sul, em 23.05.06.

Mais:

- (07) *Press-release* distribuído pela Secretaria de Imprensa da Presidência da República em 27.12.06 sobre a nova política de reajuste do salário mínimo.
- (08) Discurso do então deputado federal Luiz Inácio Lula da Silva em 6 de setembro de 1987, em Aracaju.

Anexo 5

Matéria sobre pesquisa de opinião (encomendada pela AMB) publicada no jornal O Globo em 28.09.07 com o título: “Só 11% da população confiam nos políticos”.

Anexo 6

Matérias sobre o discurso pronunciado pelo presidente Lula na abertura da I Conferência Nacional de Economia Solidária em Brasília, DF, em 27.06.2006:

- matéria do jornal O Globo de 28.06.06 com o título: “ Peguei o Brasil desarranjado e arrumei a casa” **e**
- matéria da FolhaOnLine de 27.06.06, 13:23 h, com o título: “Lula diz que antes dele Brasil era desarranjado”.

‘Por que sobrevivemos?’

‘Quem decide a eleição é o povo?’

• **MARIA VICTORIA BENEVIDES** (socióloga da USP): “Os programas sociais e a identificação profunda com o povo garantiram a sobrevivência do presidente depois da crise do mensalão. Lula conseguiu descolar sua imagem do escândalo dizendo-se apunhalado pelas costas. Esse discurso funcionou, apesar do desgaste com a classe média e com o funcionalismo público, que também estão insatisfeitos com a reforma da Previdência e o aumento da carga tributária. Mas, na hora da aritmética, quem decide a eleição é o povo. O presidente está certo ao dizer que o pragmatismo é necessário, mas jamais aceitarei a máxima de que os fins justificam os meios.”



Intelectuais e artistas tentam responder à pergunta de Lula sobre seu favoritismo depois de tantos escândalos

Bernardo Mello Franco e Ludmilla de Lima

• **Carisma, identificação com os pobres, Bolsa Família e incompetência da oposição.** Para intelectuais e artistas ouvidos pelo GLOBO, essas são as principais explicações para o favoritismo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva — que, em encontro com intelectuais na segunda-feira, em São Paulo, comparou-se a Getúlio Vargas e lançou as perguntas: “Por que sobrevivemos e como sobrevivemos? Quantos presidentes chegaram onde estamos depois de tudo o que nós sofremos?”

O afastamento de aliados como os ex-ministros José Dirceu (Casa Civil) e Antonio Palocci (Fazenda) depois de escândalos, sem que a oposição conseguisse apontar o envolvimento direto do presidente, é apontado pelo filósofo Roberto Romano, da Unicamp, como explicação para a popularidade de Lula.

— O presidente se salvou ao jogar os velhos companheiros na rua da amargura — afirma Romano.

Para a socióloga Maria Victoria Benevides, da Universidade de São Paulo (USP), o favoritismo nas pesquisas reflete a aliança do carisma presidencial com o investimento maciço em programas sociais como o Bolsa Família. Ela também acredita que Lula conseguiu desvincular-se das denúncias de corrupção ao se dizer apunhalado pelas costas.

— Esse discurso funcionou, apesar do desgaste com a classe média. Na hora da aritmética, quem decide a eleição é o povo — analisa a socióloga, que continua filiada ao PT, mas se diz deprimida com o cenário político.

— A cientista política Lucia Hippolito responsabiliza a oposição pela força de Lula, que conseguiu voltar aos índices de aprovação anteriores aos escândalos.

— Os tucanos não quiseram arregaçar os punhos de renda — ironiza.

‘Ele sobreviveu, mas o PT desapareceu’

• O sociólogo Ricardo Antunes, da Unicamp, acusa o presidente de ter trocado a sobrevivência política por um pacto com a elite financeira — o que, segundo ele, contrariou o projeto alternativo que Lula defendia antes de chegar ao poder.

— Lula sobreviveu, mas o PT desapareceu como partido pluralista e de esquerda. Tornou-se uma legenda mandonista, capaz de fazer alianças com todos os setores — critica Antunes, que militou no partido até 2004, quando decidiu filiar-se ao PSOL.

Para o documentarista Silvio Tendler, o presidente mostrou habilidade ao driblar as tentativas da oposição de encurralá-lo no auge dos escândalos.

— Ele conseguiu se esquivar como um boxeador e agora vai ganhar por pontos — resume.

O rapper Gabriel O Pensador votou em Lula em 2002, mas agora prefere não declarar apoio a candidato algum. Para ele, a pergunta feita pelo presidente aos intelectuais denuncia uma distorção de seu pensamento político:

— O mais importante não é sobreviver, mas o que ele deixará na História.

‘O mais importante não é sobreviver’

• **GABRIEL, O PENSADOR** (rapper): “O mais importante não é sobreviver, não é duração do presidente no poder. Mas o que ele deixa na história da política. Ele tem que se preocupar com isso. Se ele tiver um outro mandato, o mérito será fazer o país mudar, e uma das mudanças mais importantes que temos que ver acontecer é a diminuição da impunidade. A corrupção não pode ser tolerada em nenhum governo. Não é uma coisa que começou agora com o Lula, mas a gente esperava dele o combate à corrupção. E não houve. Ao contrário, houve uma tolerância, que não combina com a sua história.”



‘Presidente jogou seus companheiros na rua da amargura’

• **ROBERTO ROMANO** (filósofo da Unicamp): “Lula soube jogar seus companheiros na rua da amargura, como fazem todos os poderosos. Afastou José Dirceu, Antonio Palocci e José Genoino, que não o responsabilizaram pelos escândalos. Lula diz que os companheiros erraram, mas quem errou foi ele. Ao eleitor, parece que toda a bandeira política está no Congresso, não no Palácio do Planalto. Além disso, o presidente conta com a oposição que todo governante pediu a Deus. Agora caminha para os braços do PMDB num eventual segundo mandato, já que os partidos do mensalão (PTB, PL e PP) não se mostraram confiáveis.”



‘Ele conseguiu se esquivar como um boxeador’

• **SILVIO TENDLER** (cinesta): “O governo dele sobreviveu porque toda campanha midiática feita contra ele foi contraprodente, acabou sendo favorável a ele. Porque nunca nenhum governo foi massacrado como o dele, que encanou tantas CPIs. Ao mesmo tempo, ele deixou sangrar, a PF está prendendo rico e pobre. A estratégia utilizada pela oposição contra ele foi equivocada. A oposição queria encurralar, levar o Lula às cordas e não ter um outro round. Mas ele conseguiu se esquivar como um boxeador e agora vai ganhar por pontos. E houve algumas escolhas infelizes da oposição, não sei se escolheu o melhor candidato para dar combate.”



‘Os tucanos não quiseram arregaçar os punhos de renda’

• **LUCIA HIPPOLITO** (cientista política): “Lula sobreviveu graças à incompetência da oposição, que não fez o dever de casa e assistiu às CPIs sem ler os documentos necessários. Os tucanos não quiseram arregaçar os punhos de renda e esperaram que a imprensa fizesse o serviço deles. Assim, com Lula desmoralizado, o poder caiu de volta no colo do PSDB. No horário eleitoral de Geraldo Alckmin, o Brasil não teve corrupção nos últimos quatro anos. Isso legitima a visão de mundo do presidente. Parece que todos compraram o mito criado por Duda Mendonça de que quem bate perde. O PT não existe sem Lula, mas ele demonstrou que pode existir sem o PT.”



‘Apesar de tudo, é a cara do povo brasileiro’

• **CELSO ATHAYDE** (líder da Central Única das Favelas — CUF): “Em primeiro lugar, trata-se de um fenômeno inexplicável e, se tivesse explicação, eu diria que apesar de tudo é a cara do povo brasileiro. Sinergia e simbiose do povo com a autoridade pública, apesar de eu mesmo me questionar às vezes sobre isso. Porque é verdadeiro e faz coisas que ajudam o pobre negativamente. Porque nunca os pobres estiveram a nível nacional com tantas oportunidades e acessos. Porque é diferente, arcaicamente moderno. Porque abre espaços para que os brasileiros e brasileiras possam ser felizes. Não declaro voto no Lula, mas não posso negar o inegável.”



‘A sobrevivência passa por medidas favoráveis à população mais pobre’

• **RICARDO ISMAEL** (cientista político da PUC-Rio): “A sobrevivência do Lula em termos políticos passa por diversas medidas tomadas favoráveis à população mais pobre, como aumento do salário mínimo e expansão do Bolsa Família. Tudo isso teve um impacto positivo no último ano. Outra coisa é que o Lula tem o apoio de entidades como a CUT, UNE e MST. São movimentos sociais que na hora H prestaram solidariedade ao presidente. Há ainda um aspecto que o favoreceu, que é a dificuldade da oposição de encontrar uma liderança que unificasse o discurso. E encontrar uma proposta de governo que pudesse ser oferecida como alternativa ao Lula. Não vejo novidade no que o presidente disse. Ele falou um pouco mais porque o público era diferente.”

‘Como legenda de esquerda, o PT desapareceu’

• **RICARDO ANTUNES** (sociólogo da Unicamp): “Lula curvou-se aos interesses dominantes no país. Foi eleito com um projeto alternativo, mas desenhou uma arquitetura política que beneficiou o sistema financeiro. Desvertebrou o PT e seu compromisso com a mudança da estrutura econômica brasileira. Lula costuma dizer que a corrupção sempre existiu no Brasil, mas em seu governo foi a primeira vez em que foi utilizada pela esquerda. O presidente acredita que, se erro, foi por não ter ampliado ainda mais o leque de alianças com a direita. No poder, o PT foi tragado pela união do governo com os partidos do mensalão e dos sanguessugas. Como legenda de esquerda, desapareceu.”

‘Lula foi poupado pela oposição’

• **MARCUS FIGUEIREDO** (cientista político do IUPERJ): “Lula exagera nas comparações históricas. O que aconteceu com ele nos últimos quatro anos não chega perto do que a história fez com Juscelino Kubitschek, que enfrentou duas rebeliões militares e a oposição radicada Carlos Lacerda. Lula foi poupado pela oposição, que não o responsabilizou diretamente pelos escândalos nem pediu seu impeachment nas CPIs. O PSDB e o PFL foram críticos retóricos, mas amenos na ação política. Não conseguiram colar a imagem de Lula às denúncias do mensalão. Agora o presidente tem apoio da elite econômica e caminha para reeleição ancorado nos programas sociais.”

‘Comparação com Getúlio é eleitoreira’

• **MARIA CELINA D'ARAÚJO** (cientista política da FGV): “A comparação com Getúlio Vargas é um discurso eleitoreiro que não resiste à análise histórica. Getúlio governou durante a Grande Fria e enfrentou forte oposição do empresariado e da imprensa. Comparado a isso, Lula em céu de brigadeiro nos últimos quatro anos. Getúlio também se dizia vítima do poder que não queriam que ele governasse para os humildes, mas teve adversários muito mais bativos, inclusive nas Forças Armadas. Hoje os militares estão nos quartéis e Lula tem a fiança do empresariado, que está ajudando sua campanha à reeleição. Se a imagem de Getúlio não render dividendos eleitorais, ele continuará investido nela.”

ANEXO 2 (a)

FOLHA ONLINE

10/04/2007 - 11h54

Governo Lula registra 3ª melhor avaliação desde 2003, diz CNT/Sensus**GABRIELA GUERREIRO**da **Folha Online**, em Brasília

O governo federal foi avaliado de forma positiva por 49,5% da população, segundo pesquisa divulgada nesta terça-feira pela CNT/Sensus. Esse índice é o terceiro melhor já obtido pelo governo federal desde janeiro de 2003, início do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Há um ano, em abril de 2006, o governo Lula foi avaliado de forma positiva por 37,6% da população.

A melhor avaliação foi obtida em janeiro de 2003, logo após a primeira posse, quando o governo recebeu nota positiva por 56,6% dos entrevistados. O segundo melhor momento do governo foi registrado em maio de 2003, quando 51,6% fizeram uma avaliação positiva.

Já o desempenho pessoal do presidente Lula foi avaliado como positivo por 63,7% da população.

Apesar dos resultados favoráveis ao governo, o chamado "índice do cidadão" (IC) -- calculado com base em cinco variáveis socioeconômicas teve avaliação negativa da população. A maioria dos ouvidos (44,48%) teve percepção de queda nos serviços essenciais do país, no nível de emprego, renda, saúde, educação e segurança.

O diretor do Instituto Sensus, Ricardo Guedes, acredita que a avaliação positiva do presidente e do governo são conseqüências do carisma de Lula aliado ao início do segundo mandato. "Tem a ver com a expectativa de início de governo. A avaliação de Lula é mais positiva que do próprio governo por ele ser um líder carismático."

Ele não soube justificar por que o desempenho do governo foi positivo enquanto os serviços oferecidos à população receberam avaliação negativa.

De acordo com o levantamento, 54,8% dos ouvidos acreditam que nos próximos quatro anos o governo Lula será melhor que no primeiro mandato.

A pesquisa foi realizada entre os dias 2 e 6 de abril com 2.300 pessoas em 136 municípios das cinco regiões do país. A margem de erro é de três pontos, para mais ou para menos.

ANEXO 2 (b)

Brasileiros culpam governo por caos aéreo; aprovação de Lula aumenta

A grande maioria (82%) tomou conhecimento do apagão no setor

• BRASÍLIA. O governo federal é o vilão do caos do sistema aéreo brasileiro. A pesquisa CNT/Sensus revela que 25,8% dos que tomaram conhecimento da crise consideram que a responsabilidade pelo apagão aéreo é do governo federal como um todo, 9,9% acham que a culpa é da Aeronáutica e 9,3% responsabilizam a Infraero.

Os controladores de voo foram responsabilizados por 15,1% dos entrevistados; 10,9% culpam as companhias aéreas; e 13,4% atribuem a responsabilidade a todos os envolvidos no problema. Dos entrevistados, 82% tomaram conhecimento ou ouviram falar da crise.

A aprovação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva cresceu, assim como a avaliação positiva do seu governo, atingindo agora o terceiro melhor desempenho desde janeiro de 2003, de acordo com a pesquisa CNT/Sensus. Apesar da melhora desses índices, os entrevistados dizem que, nos últimos seis meses, houve piora em quatro de cinco indicadores sociais. E o principal pro-

jeto do segundo mandato, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), é pouco conhecido e desacreditado pelos que ouviram falar dele.

Segundo a pesquisa, a avaliação positiva do governo subiu de 43,6% em agosto de 2006 (última avaliação do governo feita pelo Sensus) para 49,5%. No mesmo período, a aprovação do desempenho pessoal do presidente passou de 59,3% para 63,7%. A desaprovação caiu de 32,5% para 28,2%.

— A melhora nos índices de aprovação do presidente e da avaliação positiva do governo são reflexos de uma economia equilibrada, com geração de emprego e distribuição de renda — afirmou o cientista político Ricardo Guedes, do Instituto Sensus.

O levantamento identificou que o PAC é desconhecido de 59% dos ouvidos, e 32,2% têm acompanhado ou ouviram falar dele. A credibilidade do PAC baixa: só 18,6% acreditam que vai ajudar o país a crescer.

Para parte dos entrevistados

houve piora em quatro de cinco indicadores sociais no último semestre: o emprego piorou para 35,5% e melhorou para 29,7%; a renda mensal diminuiu, segundo 28,4%, e aumentou para 20,3%; a saúde piorou para 46,1% e melhorou para 23,8%. A avaliação mais negativa se refere à área de segurança pública, que piorou para 60,5% dos ouvidos e melhorou para apenas 16,6%. O único setor em que se considera que houve melhora foi a educação: melhorou para 36,3%; e piorou para 29,8%.

A pesquisa mostra otimismo com o segundo mandato de Lula: para 54,8% dos ouvidos, os próximos quatro anos serão melhores; 19,6% disseram que será pior e 18,7%, que será igual. A pesquisa CNT/Sensus ouviu duas mil pessoas em 24 estados entre os dias dois e seis de abril e a margem de erro é de três pontos percentuais, para mais ou para menos. ■

► **NO O GLOBO ONLINE:**

Confira a íntegra da pesquisa
www.oglobo.com.br/pais

O GLOBO 11/04/07

Governo Lula tem sua mais alta avaliação no ano

Segundo Ibope, 51% aprovam gestão do presidente, três pontos a mais do que em setembro; confiança é de 60%

Rodrigo Vizeu*

• **BRÁSILIA.** A avaliação positiva da população sobre o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva subiu três pontos percentuais e chegou a 51%, segundo pesquisa Ibope encomendada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e divulgada ontem. Trata-se da maior aprovação desde dezembro de 2006, quando 57% consideravam o governo ótimo ou bom, e o segundo maior patamar dos dois mandatos, empatado com o de março de 2003.

Entre os entrevistados pelo Ibope, 31% classificaram o governo como regular (contra 32% há três meses) e 17%, como péssimo ou ruim (em setembro eram 18%).

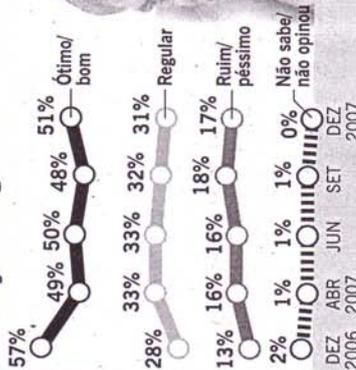
Aprovação em todas as classes socioeconômicas

O governo é aprovado em todas as camadas socioeconômicas, com maior margem na Região Nordeste, nos municípios de até 20 mil habitantes e entre aqueles com renda familiar de até um salário-mínimo e que estudaram até a 4ª série.

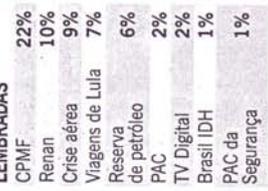
A confiança no presidente Lula se manteve estável, restando a performance de 60% registrada na última pesquisa. O número de pessoas que não confiam no pre-

Os números da pesquisa

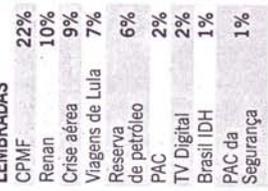
Avaliação do governo



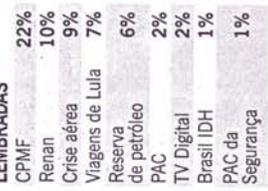
NOTÍCIAS MAIS LEMBRADAS



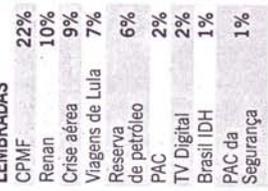
AValiação PESSOAL DO PRESIDENTE LULA



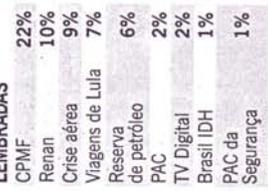
CONFIANÇA EM LULA



MAIORES TAREFAS DO GOVERNO EM 2008



MELHORIA DA VIDA EM DOIS ANOS



governo; e à sensação de que a vida em geral melhorou. O levantamento mostrou que 50% dos entrevistados acreditam que a vida melhorou nos últimos dois anos, contra 37% que não vêem mudanças e 12% que acham que houve piora na qualidade de vida.

— Esse último é o mais importante. A gente sabe que pesquisas feitas no final do ano podem ser influenciadas pelo otimismo das festas e do 13º, mas o desempenho da economia realmente contaminou a população — disse o diretor da CNI.

Os entrevistados também demonstraram otimismo em relação ao futuro. Para 36%, 2008 será muito bom; 52% crêem que o próximo ano será bom; e apenas uma minoria prevê um ano ruim (4% ou muito ruim (3%). Para 43%, a melhoria do salário mínimo é a maior tarefa do governo em 2008, seguida de melhoras em educação e saúde (36%), segurança (32%) e redução de impostos (21%).

A pesquisa quis saber ainda quais foram as notícias relacionadas ao governo mais lembradas. A CPMF lidera a lista, com 22% das menções. Apesar de não es-

tar diretamente ligada ao Executivo, os escândalos envolvendo o senador Renan Calheiros (PMDB-AL) foram lembrados por 10% dos entrevistados. Em seguida aparecem a crise aérea (9%) e as viagens de Lula (7%).

Reserva de petróleo, PAC e TV digital pouco citados

As notícias valorizadas pelo governo pelo seu teor político não tiveram o mesmo espaço na memória dos entrevistados. A alardeada descoberta de uma grande reserva de petróleo na Baía de Santos só foi citada por 6% do total. Também não foram muito citados o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e a implantação da TV digital, ambos com 2%, assim como a ascensão do Brasil no Índice de Desenvolvimento Econômico (IDH) e o lançamento do PAC da Segurança, que atingiram apenas 1% das lembranças.

A pesquisa CNI/Ibope entrevistou 2.002 pessoas entre 30 de novembro e 5 de dezembro, em 141 municípios. Foram ouvidos eleitores com pelo menos 16 anos. ■(*) Do *Globo Online*

desprezado — disse. Guarita acredita o bom desempenho do governo e do presidente à percepção de melhora da economia (mais pessoas disseram acreditar que não haverá aumento da inflação e do desemprego); ao crescimento da visão do noticiário positivo para o

va Lula é o dos que recebem mais de dez salários mínimos, com 50%. O diretor de Relações Institucionais da CNI, Marco Antônio Guarita, explicou a vantagem de Lula sobre o próprio governo: — Ele tem uma dimensão pessoal bastante forte junto à população, isso não pode ser

repro-

► **NO O GLOBO ONLINE:** Confira a íntegra da pesquisa www.oglobo.com.br/pais

ANEXO 3 (b)



12/12/2007 - 10h44

Governo tem aprovação de 51% da população, diz CNI/Ibope

Da Redação
Em São Paulo

Pesquisa CNI/Ibope, divulgada nesta quarta-feira, aponta crescimento de três pontos percentuais na avaliação positiva do governo federal: 51% da população classifica o governo como "ótimo" ou "bom". No mês de setembro, quando foi realizado o último levantamento, a aprovação era de 48%. O índice de aprovação de dezembro é o mais alto do ano.



Já na avaliação negativa, 17% qualificam o governo como "ruim" ou "péssimo". Este indicador caiu um ponto percentual em relação a setembro, quando 18% da população avaliou desta forma o governo.

PRINCIPAIS TAREFAS DO GOVERNO LULA PARA 2008*

43%	Melhorar o salário mínimo
36%	Melhorar as áreas de saúde e educação
32%	Combater a criminalidade
21%	Reduzir os impostos
14%	Controlar a inflação
11%	Ampliar os programas sociais, como o Bolsa Família
11%	Ampliar os programas de habitação / moradia popular
10%	Reduzir os gastos públicos
4%	Ampliar as linhas de crédito para pequenos negócios
4%	Promover programas de saneamento básico
3%	Promover mais investimentos em transporte urbano
2%	Investir na ampliação da produção de energia
0	Nenhuma dessas / Outras
4%	NS / NOP

*Entrevistados escolheram 2 opções

O crescimento do saldo de aprovação é expressivo entre os jovens, na faixa com nível superior, entre os que recebem entre 5 e 10 salários mínimos e nos municípios que possuem entre 20 mil e 100 mil habitantes.

A pesquisa também mostra que 60% da população confia no presidente Lula, contra 35% que não confia. O contingente dos que dizem não confiar teve baixa de dois pontos percentuais em relação a setembro.

Áreas do governo

A maioria da população desaprova o governo federal nos temas segurança pública (66%), controle da inflação (49%), taxa de juros (59%), desemprego (51%) e impostos (69%).

Na questão da segurança pública, ocorreu um aumento bastante nítido da desaprovação. Atualmente, 66% dos brasileiros desaprovam a atuação do governo na área, enquanto 32% aprovam. Há três meses, os percentuais eram 61% e 36%, respectivamente.

Hoje, 32% dos entrevistados afirmam que a segurança é o tema que mais merece atenção da sociedade. Há um ano, segurança aparecia em segundo lugar, com 23%. O primeiro era o combate à corrupção.

A nota média para o Governo Lula manteve o patamar de 2007, e foi de 6,6 em dezembro, segundo o levantamento. Há um ano, a nota média era 7.

Para se chegar aos resultados, foram entrevistadas 2.002 pessoas (com 16 anos ou mais), em 141 municípios, entre os dias 30 de novembro e 5 de dezembro. A margem de erro é de dois pontos percentuais.

Avaliação do presidente

A aprovação em relação ao presidente Lula cresceu dois pontos percentuais em dezembro, chegando ao patamar de 65%. Em setembro, era de 63%.

A desaprovação ao presidente recuou três pontos percentuais: de 33% em setembro para 30% neste mês.

Segundo a pesquisa, o índice mostra que há uma estabilidade das percepções em relação a Lula neste ano.

Entre os segmentos pesquisados, a desaprovação supera a aprovação apenas na faixa que recebe mais de 10 salários mínimos por mês.

ANEXO 4

Íntegra dos seis discursos que contêm as 18 narrativas analisadas:

Discurso pronunciado na cerimônia de formatura do programa ProJovem, em Olinda, PE, em 30.03.07.

Discurso pronunciado na cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Qualificação Profissional do Prominp e do Programa Jovem Aprendiz em São Paulo, SP, em 02.06.06.

Discurso pronunciado na cerimônia de formatura do programa Mova Brasil em Nova Iguaçu, RJ, em 14.06.06.

Discurso pronunciado na abertura da I Conferência Nacional de Economia Solidária em Brasília, DF, em 27.06.2006.

Discurso pronunciado na assinatura do Protocolo de Intenções de Valorização do Salário Mínimo, no Palácio do Planalto, Brasília, DF, em 27.12.06.

Discurso pronunciado em Aguiarnópolis, Tocantins, durante visita de vistoria às obras do trecho Araguaína-Aguiarnópolis da Ferrovia Norte-Sul, em 23.05.06.

Mais:

Press-release distribuído pela Secretaria de Imprensa da Presidência da República em 27.12.06 sobre a nova política de reajuste do salário mínimo.

Discurso do então deputado federal Luiz Inácio Lula da Silva em 6 de setembro de 1987, em Aracaju, SE.

**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de formatura do programa ProJovem
Olinda-PE, 30 de março de 2007**

Meu querido companheiro governador do estado de Pernambuco,
Eduardo Campos,

Meu querido companheiro João Paulo Lima e Silva, prefeito da
cidade de Recife,

Meu caro e querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da
Secretaria-Geral da Presidência da República,

Senhor Fernando Haddad, ministro da Educação,

Senhor Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Deputados federais Eduardo da Fonte, Fernando Ferro, Levy
Fidélis, Maurício Rands, Pedro Eugênio, Silvio Costa,

Professor Amaro Lins, magnífico reitor da Universidade Federal de
Pernambuco,

Josenildo Sinésio, presidente da Câmara Municipal de Recife,

Meu caro Luciano Siqueira, vice-prefeito da cidade de Recife,

Nossa querida Maria Luiza Aléssio, secretária de Educação do
Recife, em nome de quem saúdo todos os secretários municipais,

Senhora Nara Martinuzzi Castilho, gerente regional do INSS,

Paulo Valença Corrêa, vice-prefeito de Olinda,

Luiz Roberto de Souza Cury, secretário nacional da Juventude,
nosso companheiro Beto Cury,

Maria José Feres, coordenadora nacional do ProJovem,

Meus caros concluintes do ProJovem,

Na verdade, eu estou com um discurso muito bem feito, e eu
queria pedir duas coisas aqui. Primeiro, que o prefeito de Recife depois
pedisse para que esse discurso fosse impresso e distribuído para os
estudantes. Depois, a minha equipe distribui para a imprensa, porque o

discurso está muito bom, mas eu quero falar um pouco com a minha alma, porque eu acho que nós temos que ter uma conversa muito sincera aqui com vocês.

Meus companheiros e minhas companheiras, meus queridos companheiros, primeiro, eu não sei quando é que eu vou voltar a ver vocês, aqui. Eu sei que vocês agarraram uma oportunidade que nós oferecemos, a Prefeitura de Recife teve um papel extremamente importante na coordenação do programa ProJovem. Eu quero, portanto, agradecer aos funcionários da Prefeitura, à Secretaria de Educação, a todos os professores que trabalharam para que vocês chegassem onde estão. Mas a conversa que eu quero ter com vocês hoje, é mais do que a conversa de um presidente da República com a juventude brasileira, é a conversa de alguém que saiu da cidade de Garanhuns com sete anos de idade e foi tentar a vida em São Paulo. Eu faço questão de contar essa história, porque essa história certamente é a história de vocês e porque nós estamos falando aqui de oportunidade, estamos falando de chance, estamos falando de vontade de fazer com que as coisas aconteçam.

Eu quero dizer para vocês: se tem um brasileiro que pode significar o exemplo de que a perseverança, de que a luta e de que o nunca desistir dá resultado, sou eu. Porque um retirante nordestino, que sai daqui com sete anos de idade, com oito filhos, oito irmãos agarrados no “rabo da saia” da minha mãe, chegar em São Paulo, sobreviver e chegar à Presidência da República, deve ser uma motivação e um exemplo para vocês, que podem acreditar que podem chegar lá, é só vocês não desistirem.

E quero dizer a vocês mais: quero dizer para vocês que fui comer pão pela primeira vez aos sete anos de idade. Até os sete anos de idade o café que a gente tomava em Garanhuns era uma cuia de farinha com café preto. E isso significa também dizer para vocês que não é a fome, não é a miséria que leva a gente a desistir. Até os 14 anos de idade, eu morava num quarto e cozinha com 13 pessoas, 13 pessoas num quarto e cozinha. O banheiro da casa em que eu morava era o banheiro do bar. Depois das 5 horas da tarde do sábado, depois de muita cerveja, vocês

sabem como é que ficava o banheiro do fundo bar, onde minha mãe, minhas três irmãs, e todos nós, irmãos e primos, usávamos aquele banheiro.

Não eram poucos os dias em que a gente tinha para comer, apenas um caldo de feijão e nada mais, a não ser quando o meu irmão, que vendia biscoito, aquele de polvilho que parece vento, chegava em casa com a sobra para a gente comer. Depois eu fui trabalhar de engraxate, fui trabalhar de tintureiro, fui trabalhar vendendo coisa na rua. E por que eu não desisti? Primeiro, porque eu tinha uma família muito pobre, mas tinha uma mãe muito forte. A minha mãe nunca permitiu que a gente desanimasse, mesmo quando a gente não tinha comida em casa, não havia espaço ou motivação para a gente desistir, mesmo na desgraça ela ficava dizendo para a gente: “levanta a cabeça que amanhã vai ser melhor, vamos acreditar que amanhã é possível” e, graças a Deus, eu cheguei onde cheguei porque aos 14 anos de idade eu consegui entrar numa empresa que me mandou para o Senai e eu fiz um curso de torneiro mecânico.

Esse curso de torneiro mecânico é que mudou a minha vida. A partir desse curso eu passei a arrumar emprego melhor, eu passei a ganhar mais que o salário mínimo, de oito filhos, eu fui o primeiro da minha mãe a ter um diploma primário, eu fui o primeiro a ter um diploma profissional, eu fui o primeiro a ter um carro, a ter uma televisão, a ter uma geladeira, a ter uma casa, e não pensem que foi fácil. Até para chegar a Presidente da República, eu tive que perder três eleições. Quando qualquer um desistiria, eu teimei que o povo brasileiro um dia ia acreditar na sua capacidade.

Pois bem, muitos de vocês vivem hoje em situações até mais degradantes do que a situação que eu vivi, porque hoje tem mais violência, hoje tem menos espaço. Hoje, uma pessoa que mora numa favela ou numa palafita não tem espaço de lazer, não tem espaço para as crianças brincarem. Às vezes num quarto 3x3 é onde se come, é onde se faz as suas necessidades físicas e biológicas e é onde a gente dorme, no mesmo espaço. E eu sei que isso vai degradando a vida das pessoas.

Hoje, 30% das meninas entre 15 e 17 anos, que estão fora da escola porque já têm filhos e, se tiveram filhos, é porque não tiveram educação sexual adequada dentro de casa ou na escola. E se a escola não cuida e se a família não cuida, a gente depois não pode querer punir a juventude ao diminuir a maioridade penal para colocar jovem na cadeia, achando que vai resolver o problema da juventude brasileira.

Nós, eu, Eduardo Campos e João Paulo, mais o meu Ministro da Educação, mais os governadores deste País, mais os prefeitos deste País, temos que aprender uma lição. Vocês não são o que são porque quiseram ser, vocês são o que são porque um dia o Estado brasileiro esqueceu da juventude brasileira, porque um dia o Estado brasileiro não cuidou da educação, porque um dia, o Estado brasileiro não teve coragem de investir na educação, porque achava que investir na educação era gastar dinheiro. Quando um governo é sovina, quando um governo é pequeno e não quer colocar dinheiro na educação, porque significa gasto, ele vai ter que colocar dinheiro pagando soldado e construindo cadeia, que fica muito mais caro e menos produtivo para o País.

Pois bem, meus companheiros, meus queridos jovens deste País, quando esse moço aqui, lá no final de 2004, propôs que a gente criasse o ProJovem, nós, além do ProJovem, criamos outros programas no Ministério do Trabalho, criamos mais programas no Ministério da Educação, criamos o ProUni, que está colocando 270 mil jovens pobres da periferia para dentro de uma universidade, o que antes era privilégio de rico, era privilégio de quem podia pagar, era privilégio de quem estudava em escola boa no ensino fundamental, porque este País tem um erro crônico: o pobre estuda no ensino fundamental na escola pública, o rico estuda na particular. Quando chega na universidade, quem vai para a pública é o rico e quem vai para a particular é o pobre que não pode pagar.

Quantas vezes eu encontrei com meninas e meninos que diziam para mim, eu não era presidente ainda e me diziam: “Lula, eu passei no vestibular, mas quando eu fui me matricular pediram 700 reais, pediram

800 reais, meu pai ganha 300, minha mãe está desempregada, eu estou desempregado.” E é isso que leva um jovem ao desespero, à desesperança, a não acreditar. Olha para tudo quanto é lado e não vê um fio de esperança, levanta de manhã e não tem um quintal confortável, não tem um computador, às vezes não tem as condições necessárias que um ser humano precisa. Quantos de vocês ficaram desesperançados porque chega na hora do almoço e não têm o que colocar na mesa para comer? Quantas vezes, eu me lembro, eu queria contar para vocês uma coisa. Eu estava fazendo, antigamente não era 5ª série, Fernando Haddad, era admissão, você terminava o 4º ano e ia fazer admissão, e naquele tempo não tinha tanta maçã como tem neste País. Eu saía da escola toda quinta-feira e tinha uma feira, e eu passava naquela banca de frutas, tinha umas maçãs argentinas da cor daquela camisa de vocês, vermelha, gostosa, a minha boca enchia d’água e eu tinha vontade de pegar uma maçã e sair correndo. Eu nunca peguei. Sabem por que? Porque eu tinha vergonha que alguém me pegasse, da minha mãe passar humilhação, porque naquele tempo a gente cuidava da família com muito mais carinho, porque a gente tinha menos problemas. Eu queria dar um conselho para vocês: a vida de vocês será muito melhor se dentro de casa tiver harmonia, se o pai e a mãe estiverem bem, se a mãe tiver a responsabilidade de acompanhar a vida de vocês. Abandonar vocês significa a gente, amanhã, estar lendo a notícia no jornal de que mais um jovem de 18 anos, mais um jovem de 19 anos, morreu por uma bala da polícia ou morreu entre briga de quadrilhas, porque se a gente não cuidar de vocês agora, o narcotráfico vai cuidar, o crime organizado vai cuidar, porque no desespero a gente aceita fazer qualquer coisa.

O fato de estar aqui hoje entregando diplomas e – alguém recebeu dois aqui, um monte – saber que vocês estão querendo continuar, saber que vocês querem entrar na escola técnica, saber que o sonho de vocês é uma universidade, implica fazer um desafio para o meu querido Eduardo Campos e para o meu querido João Paulo: a gente não pode virar as costas para vocês, agora que a gente entregou o diploma. Agora que vocês pegaram o diploma, aumenta a nossa responsabilidade com

vocês. Nós precisamos agora cuidar de cada um, saber o que está fazendo, se arrumou emprego, se conseguiu estudar, porque se a gente esquecer essa meninada, João Paulo e meu caro Eduardo, minha Secretária de Educação e secretários aqui, se a gente achar que já cumpriu com a nossa obrigação dando esse diploma, nós estaremos cometendo um erro. Esse diploma não é o fim, esse dinheiro é o começo, essa formação é o começo de uma jornada e não o fim de uma jornada, vocês acreditaram em vocês.

Naquele meu discurso tem depoimentos extraordinários. Os depoimentos que nós ouvimos aqui são extraordinários. A menina que foi para a sala de aula com o filho doente no colo, o menino que estava estudando, foi preso e continuou estudado, o menino que voltou a acreditar que mais do que esse pedaço de papel com diploma, mais do que isso, é a vontade interior de vocês, é vocês se levantarem todo dia de manhã agradecendo a Deus por aquele dia, ficar de bem com a família de vocês e acreditarem que não haverá dificuldade que não pode ser transposta, qualquer dificuldade a gente pode superar se a gente tiver determinação.

Deixa eu dizer para vocês uma coisa: cada eleição que eu perdia – eu perdi a eleição em 1989, perdi a eleição em 1994, perdi a eleição em 1998 – cada eleição que eu perdia as pessoas falavam assim para mim: “Lula, agora chega, já perdeu demais, desiste”. E eu falava: não. Eu perdia em novembro e em janeiro eu estava na rua outra vez, falando com o povo brasileiro, chamando a atenção dele. Foram 12 anos de espera para chegar aqui e eu não posso jogar fora essa oportunidade e essa confiança que vocês me deram, eu não posso, eu tenho que aproveitar esse 2º mandato para fazer mais do que no primeiro. Eu já disse que eu tenho um sonho, o meu sonho é a gente ter, em cada cidade-pólo deste País, uma escola técnica e uma extensão universitária. Esse é o meu sonho.

Nós temos um problema que é o seguinte, eu vou contar para vocês: O meu ministro da Educação está apresentando um programa de educação para a gente garantir a qualidade para o ensino fundamental,

para a gente motivar as crianças a estudarem. Nós vamos cuidar da creche até o ensino fundamental e do ensino técnico. Mas veja uma coisa que vai acontecer, nós vamos cuidar. O ProJovem vai continuar, o Consórcio da Juventude vai continuar. Eu sei que agora nós temos que cuidar das crianças para quando elas tiverem 15 anos, elas não desistirem da escola. E nós precisamos cuidar de quase 6 ou 7 milhões de jovens, entre 15 e 24 anos, que desistiram de estudar por alguma razão.

O Eduardo Campos está fazendo uma pesquisa para saber por que uma pessoa desiste da escola. É por problemas dentro de casa? Nós queremos saber. É por causa da fome? Nós queremos saber. É por que os professores não estão ensinando direito? Por que a escola não é boa? Nós precisamos saber. Nós precisamos saber por que vocês desistem da escola, quando a escola deveria ser uma coisa prazerosa, uma coisa gostosa em que a gente se levantasse de manhã para ir à escola. Portanto, meus queridos companheiros e companheiras, eu saio daqui hoje, vou para Washington, numa reunião com o Presidente dos Estados Unidos, mas saio daqui com a alma lavada, porque eu sei que nós demos numa caminhada, na construção da Muralha da China, nós colocamos o primeiro tijolo. Nós estamos começando.

Eu quero pedir para vocês, eu quero pedir para cada menina e para cada menino aqui presente. Na hora em que vocês se levantarem de manhã, aquele dia que você levanta, e tem dia que a gente levanta assim, não vale a pena, eu estou desanimado, briga com a mãe, briga com o pai, às vezes vai procurar emprego e não acha e está desanimada, eu queria pedir para vocês: pelo amor de Deus, não desanimem, quando vocês estiverem nessa fase, reflitam: “puxa vida, se o Lula era igual a nós, se o Lula só tem o diploma primário e um curso do Senai e chegou à Presidência da República, por que vocês não podem chegar à universidade, ser Presidente da República, ser deputado, por que não podem? Podem, vocês têm que acreditar, têm que ser perseverantes, se forem procurar emprego numa loja e não tiver, vão na outra, porque nós temos que encontrar uma saída.

E agora um último aviso. A relação com um pai ou uma mãe. Olha gente, é preciso que a gente tenha uma boa convivência dentro de casa, a relação de um filho com a mãe é condição fundamental para a gente viver em harmonia, para a gente ter paz. Eu digo isso porque a gente precisa aprender que a gente só vai sentir falta da mãe da gente quando a gente não a tiver mais. A mãe é quase que uma coisa sagrada. Todo dia de manhã nós temos que levantar e perguntar a nós mesmos se nós fizemos algum gesto bom para a nossa mãe, se nós fomos obedientes, se nós a tratamos com carinho, se nós tratamos bem o nosso pai. Essa relação é condição fundamental para a gente vencer na vida.

Meu companheiro governador do estado do Pernambuco, meu companheiro prefeito João Paulo,

Eu quero terminar dizendo para vocês: eu estarei lá em Brasília. Estarei em Brasília viajando este País, mas eu quero que vocês saibam que hoje me fizeram sentir um presidente realizado, não porque já conclui a obra, porque comecei uma obra da qual vocês são os engenheiros. Pelo amor de Deus, se vocês continuarem, vocês vão me estimular a fazer muito mais. E eu quero utilizar o exemplo bem-sucedido de vocês para que a gente possa criar neste País inteiro milhares ou milhões de jovens fazendo os cursos do ProJovem, aprendendo uma profissão, arrumando um emprego, casando, construindo família e vivendo feliz para o resto da vida.

João Paulo, que Deus te abençoe, abençoe o teu secretariado.

Meu caro Eduardo, que Deus te abençoe mas, sobretudo, que Deus ponha o seu olhar, a sua mão generosa na cabeça de cada um de vocês e não permita que vocês retrocedam. Andar para a frente é o nosso compromisso, e vencer na vida é a razão da nossa vida.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.

Discurso escrito e não lido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva na cerimônia de formatura dos alunos do ProJovem em Pernambuco

A formatura de cada um de vocês é um momento de importância histórica para o Brasil. Significa que vocês não se deixaram abater pelas dificuldades que marcam, há tanto tempo, a vida de milhões de jovens em nosso país.

Vocês agarraram com unhas e dentes a oportunidade que lhes foi concedida, ou melhor, o direito que lhes foi devolvido de seguir em frente, rumo a uma vida melhor.

O ProJovem é um acerto de contas com o passado, mas, sobretudo, é uma garantia de futuro. A maioria de vocês, em algum momento da vida, assim como eu, foi obrigada a enfrentar uma triste escolha: estudar ou trabalhar; estudar ou criar um filho, no caso das meninas que engravidaram cedo. E o estudo foi sendo adiado, abandonado.

O ProJovem é uma oportunidade de recuperar esse tempo perdido, ao mesmo tempo em que aponta para um amanhã melhor, graças à conclusão do ensino fundamental e à qualificação profissional recebida.

Sem falar no aprendizado que vocês receberam, no que diz respeito não apenas aos seus direitos, mas também aos deveres de cidadãos. Tenham certeza de que as comunidades em que vivem agora vêem vocês com outros olhos.

Vocês se integraram, participaram, apresentaram propostas, arregaçaram as mangas, botaram a mão na massa em prol dos lugares em que vivem, para torná-los melhores para todos.

Eu soube que aqui em Recife os alunos do Arco de Construção e Reforma aproveitaram suas aulas práticas para reformar e melhorar as instalações das creches.

Governar é cuidar. É tratar com carinho. Quem semeia abandono, não colhe nada de bom.

A propósito, quero ler um trecho da entrevista que o MV Bill deu à revista "Estação Juventude", aqui do ProJovem:

"Quando você nasce na adversidade e nas coisas ruins, não tem visibilidade e não é ouvido. É tipo uma pessoa invisível. Quando você tem oportunidade de oferecer alguma coisa, você só oferece o ódio. Então, dar oportunidades, educação, cultura, emprego e renda para essas pessoas significa transformá-las em um outro tipo de ser humano."

Quero dizer que esta é a grande oportunidade que o ProJovem oferece a todos vocês: a oportunidade de se tornarem seres humanos melhores.

Ou você investe em educação ou vai ser obrigado a gastar com cadeia. E vai pagar pelo resto da vida pelo crime de ter jogado fora a maior riqueza que um país pode ter: a sua juventude.

Basta ver o número de jovens que estão presos. São o resultado de um país que durante muito tempo foi governado apenas para os mais ricos, que não distribuiu renda, que não ofereceu oportunidades para os que mais precisavam. E que tampouco investiu numa educação de qualidade para todos, mas somente para aqueles que podiam pagar por ela.

O ProJovem já abriu novos horizontes para cerca de 165 mil brasileiros e brasileiras. E eu tenho a satisfação de informar que o sobrenome mais frequente entre esses 165 mil jovens é o Silva. São 28 mil, mais uma demonstração de que nós, os Silva, somos uma família persistente e guerreira.

Mas quero fazer justiça aos Santos, aos Oliveira, aos Souza e a todos os outros que aparecem em seguida. A verdade é que somos todos persistentes e batalhadores.

É gratificante saber que o ProJovem despertou em vocês a vontade de voltar a estudar. Eu soube que aqui em Pernambuco também foi uma correria, porque todo mundo queria o certificado de conclusão o

mais depressa possível, para poder se matricular nas escolas de ensino médio.

Ou seja, vocês recuperaram o gosto pelos estudos, e querem mais, o que obriga o Presidente, os governadores e os prefeitos a correrem atrás, porque esta é a obrigação de todo governante.

A educação foi tratada com descaso no passado. Hoje, ela é o grande desafio deste governo, e dos outros governos que virão depois de nós. É um desafio de toda a sociedade comprometida com o seu país e o seu tempo.

Estamos fazendo a nossa parte. Criamos dez novas universidades federais; implantamos o ProUni, que já oferece 360 mil bolsas para alunos carentes em universidades particulares; investimos e vamos investir ainda mais no ensino profissionalizante, construindo uma escola técnica em cada cidade-pólo deste País.

Aprovamos o Fundeb, que vai destinar à Educação até 10 vezes mais recursos do que ela recebia antes. Lançamos recentemente o Plano de Desenvolvimento da Educação, que vai da creche à pós-graduação. Vamos dar às crianças e aos jovens deste país a educação que eles merecem, porque só assim este será o País verdadeiramente grande e desenvolvido que sonhamos.

Do mesmo jeito que vocês são obrigados a fazer prova para demonstrar que aprenderam, também as escolas passarão a ser avaliadas. Vamos avaliar e cobrar resultados de cada escola em cada município deste País.

Chega de o aluno estudar, estudar e não aprender. Ora, se você estuda, estuda e não aprende, a culpa não pode ser só sua, a responsabilidade é também da escola.

Estão previstos R\$ 8 bilhões em investimentos até 2010. E eu quero dizer para vocês, que já são pais e mães, e para todos que serão um dia: os filhos de vocês viverão num país que trata a educação com a importância que ela merece, e faz dela um instrumento de conquista de

uma vida melhor para todos. No Brasil que estamos construindo, os filhos de vocês não mais precisarão escolher entre estudar e trabalhar.

Eu soube que em todo começo do curso, quando os professores perguntam aos alunos do ProJovem quais os planos que eles têm para o futuro, a maioria responde: "Professor, eu não sei nem se eu vou estar vivo amanhã!"

Então, é muito gratificante para um professor, para um Presidente da República, para qualquer cidadão brasileiro estar aqui hoje e ver a formanda Ítala escrever uma poesia contando como vai ser o futuro dela. Ela vai terminar o 2º grau, vai estudar gastronomia na Universidade Federal e vai abrir sua própria pastelaria, que não vai vender só pastel, mas também coxinha, empada, risole e brigadeiro, e já tem até um nome sonhado: "Ítala Kit Festa". É o futuro que ela traçou para ela mesma. Alguém que não conhece a Ítala, que não conhece a força de vontade de cada um de vocês, pode dizer: "Ah, mas isso é muito difícil".

Ora, mas também parecia muito difícil chegar até aqui para uma outra moça que veio de uma família humilde, lá da nossa querida Brasília Teimosa, e teve um filho aos 15 anos, que nem a Ítala. Ela chegou. Ela reescreveu, ela está reescrevendo a sua história, o seu livro da vida.

Então mais do que apenas educação, qualificação profissional e cidadania, o ProJovem está devolvendo à juventude deste País a possibilidade de sonhar, e de correr atrás desse sonho. Porque o que é um jovem sem um sonho? Não é um jovem, é apenas um ser humano a caminho de uma maturidade e de uma velhice vazias.

É como diz a Fernanda, uma alagoana que também mora na Brasília Teimosa e está se formando hoje: "O sonho da gente estava parado, e viver sem sonho é muito chato".

Pois para seguir esse sonho, que estava parado e ganhou nova vida, a Fernanda ia todos os dias para a aula levando o filho dela de 4 anos, o Júlio César, porque não tinha com quem deixar. Às vezes, o filho

estava com febre, mas eles iam assim mesmo. Fernanda chegou até a fazer prova com o Júlio César no colo.

Teve um momento, lá pelo meio do curso do ProJovem, que apareceu um emprego para ela, numa lanchonete. Aí a Fernanda teve que fazer aquela difícil escolha, pela segunda vez: estudar ou trabalhar, seguir o sonho ou abandoná-lo de novo. Só que agora ela fez uma opção diferente: escolheu continuar no ProJovem e está aqui hoje, e vai terminar o ensino médio e não vai parar mais.

Aqui estão reunidos 4.200 jovens formandos. Aqui estão reunidas 4.200 histórias de luta, superação e conquista.

Cada um de vocês representa uma vitória. E nós sabemos das dificuldades que enfrentaram para chegar até aqui.

Meus amigos e minhas amigas,

Tomei conhecimento da história de vida de muitos de vocês. São exemplos de força de vontade, de dedicação, de sacrifício e de vitória.

A vontade que tenho é de contar aqui cada uma dessas histórias, para que o Brasil inteiro saiba do que vocês são capazes. Como não há tempo nem condições para isso, vou falar um pouco sobre a vida de três de vocês, que moram num dos bairros mais violentos do Recife, segundo as estatísticas.

Edmarcos, João Paulo e Paulinho têm histórias de vida parecidas: vieram de famílias humildes, de pais que não puderam estudar porque tiveram que trabalhar.

Os três, em algum momento de suas vidas, também tiveram que parar de estudar para trabalhar. Lavaram carros, capinaram mato, carregaram tijolo, acordaram de madrugada para buscar verdura na roça para vender na feira.

O Edmarcos conta que tinha dia em que ele e os dois irmãos olhavam para um lado, olhavam para o outro, a barriga roncando de fome, e só viam panela vazia. Quando o Paulinho era pequeno, a casa

dele era feita de papelão e plástico, e ainda teve vez em que a enchente veio e carregou tudo o que eles tinham, que era quase nada.

Ao contrário do Edmarcos e do João Paulo, o Paulinho se juntou a más companhias, conheceu as drogas e entrou para o crime. Perdeu uma dezena de amigos de infância, mortos a tiros. Ele mesmo viu a morte passar várias vezes zumbindo no ouvido dele, em forma de bala de revólver.

Os três entraram para o ProJovem. O Edmarcos diz que, no começo, seu pensamento era pequeno: queria só concluir o ensino fundamental e conseguir um emprego de carteira assinada. O João Paulo queria aprender uma profissão boa e arrumar trabalho.

Paulinho queria uma segunda chance. Mas no meio do curso, de novo influenciado pelas más companhias, foi apanhado com drogas. Preso, não tinha como freqüentar as aulas, mas os professores e os assistentes sociais do ProJovem não desistiram dele. Foram visitá-lo na cadeia.

Os colegas de sala também foram, e escreveram cartas, muitas cartas de incentivo. Um policial chegou a perguntar ao Paulinho se ele, por acaso, era algum cantor famoso, para receber tanta carta.

Paulinho passou um mês na prisão, e aproveitou esse tempo para refletir. Até então, ele achava que para um jovem que nem ele só existiam dois caminhos: a cadeia e o cemitério. Mas descobriu que havia um terceiro, que começava no ProJovem e o levaria até onde fosse sua força de vontade.

A Justiça resolveu dar a ele a chance de responder em liberdade. E Paulinho aproveitou a chance. Ou abraçou a esperança, como prefere dizer. Voltou para as aulas, largou as drogas e o crime, e hoje está aqui. E não quer parar por aqui. Quer fazer o ensino médio, quer seguir o outro caminho que a vida lhe abriu. Vai depender dele.

Mas eu disse que esta era a história de três vitórias. O que houve com o Edmarcos e o João Paulo? Passaram na prova do Cefet. Vão

fazer o curso técnico de Mecânica. E, depois, querem passar no vestibular da federal de Pernambuco e cursar Engenharia Mecânica.

Só para vocês terem uma idéia do tamanho da vitória que esses dois jovens já conquistaram: cada vaga de Mecânica do Cefet foi disputada por mais de 6 candidatos.

E eu sei que tem mais gente aqui que também passou no Cefet, e se não passou, ainda vai passar. Tem mais gente que voltou ou vai voltar a estudar. Tem muita gente aqui que vai seguir em frente, que vai lutar por uma vida melhor.

Sei que o Edmarcos, o João Paulo e o Paulinho representam a luta de cada um de vocês, porque a vitória não é só dele, é de todos.

Quero terminar contando que, quando estava preso, Paulinho dizia aos verdadeiros amigos que o visitavam: "Não vou mais fazer parte dessa estatística de violência, prisão e morte".

Ele tem consciência de que pode vencer, ainda que esteja, como costuma dizer, "caminhando contra a ventania". E eu completo: contra a ventania, mas a favor do futuro.

Parabéns, e muito sucesso. Vão em frente que o Brasil precisa de cada um de vocês.

Mas, antes de encerrar, quero também parabenizar o prefeito João Paulo e toda a equipe da Prefeitura do Recife, cujos esforços e empenho, com o apoio da estrutura do ProJovem, tornaram realidade este nosso sonho coletivo de preparar vocês, jovens, para o Brasil forte e moderno que estamos construindo.

Muito obrigado.

**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Qualificação
Profissional do Prominp e do Programa Jovem Aprendiz
São Paulo-SP, 02 de junho de 2006**

Eu vou contar as páginas aqui, para ver se é muito longo o discurso, para diminuí-lo pela metade.

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,

Meu caro Aloizio Mercadante,

Meu caro companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro José Renato Ferreira de Almeida, coordenador executivo do Prominp,

Meu caro Alberto César Bonardi Dias, presidente da Fundação Pró-Cefet,

Senhor Rubens Naves, diretor-presidente da Fundação Abrinq,

Nossos queridos jovens Cristiane Farias, Alan Tany e Ana Rodrigues, que receberam o crachá simbolizando os outros 292 jovens,

Senhores diretores da Petrobras,

Diretores da Agência Nacional de Petróleo,

Senhores do Ministério do Trabalho,

Empresários,

Meus companheiros representantes das outras instituições que participam do Prominp,

Meus amigos da imprensa,

Há uma coisa na vida de um ser humano que poderia tornar todos mais iguais. Entretanto, a forma de organização da sociedade, a distribuição de renda de um país, muitas vezes permite que jovens que são inteligentes não tenham oportunidade, outros que não são tão inteligentes tenham mais oportunidades, e aí a gente vê a sociedade se

dividindo de forma injusta, porque não permitiu que todos pudessem colocar o seu potencial intelectual e profissional para fora.

Eu não sei se os pais dos meninos e das meninas estão aí, mas quando eu entreguei o crachá, vi o José Sérgio Gabrielli entregar o crachá e Marinho, naqueles 30 segundos que aconteceram esse fato, a minha cabeça voltou a 1960, quando eu descobri que tinha uma chance de fazer um curso profissional. Obviamente que eu não tive a felicidade de ser na Petrobras, senão hoje eu estaria no lugar de um de vocês aí. Não foi a Petrobras, mas foi quase igual, chamava-se Fábrica de Parafusos Marte. Essa fábrica estava precisando de um menino para mandar para o Senai. Eu ainda não tinha completado 15 anos de idade, e hoje até parece ser muito simples e irrelevante falar num curso profissionalizante no Senai, mas naquele tempo, e eu acredito que ainda hoje, para os pais dessa juventude, ter acesso a um curso profissional, muitas vezes é a substituição da universidade que esse jovem não pôde ter.

E foi graças a isso, e aí eu quero falar diretamente para os premiados, para aqueles que vão ser aprendizes da Petrobras ou de outras empresas que participam do Prominp, que essa é uma oportunidade rara, e a partir do momento em que vocês começaram a exercer essa atividade, a vida de vocês nunca mais voltará a ser a mesma. Posso garantir que se vocês se dedicarem, há possibilidade de vocês evoluírem cada vez mais. Quando terminarem esse aprendizado, aparecerão outros na frente de vocês. Se não aparecer, vocês irão buscar, porque tudo depende de um começo, e vocês estão tendo um começo.

É importante dizer para vocês que foi graças a um diploma de torneiro mecânico que eu aprendi, e eu repito isso sempre, porque isso, para mim, é uma marca na minha vida. Por conta de um diploma de torneiro mecânico, que eu aprendi e tirei o diploma em 1963, no Senai, eu fui o primeiro filho de uma família de oito filhos a ter uma casa própria, fui o primeiro a ter televisão, fui o primeiro a ter um carro, fui o primeiro a

ter uma geladeira, fui o primeiro, muitas vezes, a ganhar de salário, o valor do salário mínimo. Muitas vezes.

Portanto, quando eu estava entregando o crachá e abraçando aquela menina, eu me lembrei de quando eu ia para o Senai. Eu tinha que fazer um teste no Senai também, viu, Santa Rosa? Você tinha que fazer um teste. E eu não sei porque, eu queria ser torneiro mecânico. Eu nem sabia o que era ser torneiro mecânico. Eu tinha a impressão do meu irmão, eu tinha um irmão que era mecânico, consertava carros na frente de casa e eu achava bonito, ele todo sujo de graxa, de macacão, os bolsos cheios de estopa, estopa toda suja. Eu achava bonito, eu queria ser aquilo. Eu nem sabia o que era, mas eu queria ser aquilo. Eu cheguei lá, tinha vaga de torneiro mecânico no Senai, tinha de fundidor, tinha mais duas ou três profissões, e eu falei: não, eu quero ser torneiro mecânico porque eu achava que era parecido com aquilo que o meu irmão fazia. E aí, quando eu cheguei na fábrica, não tinha muito o que fazer, era moleque, 14 anos, me colocaram para catar pedaços de ferro no chão, em uma metalúrgica pequena, não era tão higiênica como as fábricas de hoje. Minha mãe tinha consertado um macacão para mim, era bonito, um macacão que não era nem da metalúrgica, porque não tinha. Era de uma fábrica de peneiras, e minha mãe desmanchou e fez para mim. Eu me senti o máximo. Eu ia trabalhar, eu andava, acho, um quilômetro e meio a pé ali na Vila Carioca. Eu achava que todas as meninas que passavam na rua, olhavam para mim. Eu me achava, sinceramente, fantástico.

Pois bem, eu estava tão fantasiado com aquela história de aprender uma profissão e de ser mecânico que, no primeiro dia de trabalho, me colocaram para ficar catando os pedaços de ferro... o pessoal cortava ferro na prensa e sempre sobrava um pedaço lá que caía, eu ia lá apanhando aquilo e colocando perto de um forno. E quando chegou na hora do almoço, me deu um calafrio porque eu queria ser mecânico, estava de macacão, estava trabalhando em uma metalúrgica e não estava sujo. Então, minha mãe ia achar que eu não estava trabalhando. Quando apitou para sair para almoçar, eu fui em um latão

de 200 litros de óleo, um óleo que a gente utilizava para temperar peças – você colocava a peça no fogo e ela ficava fervendo de vermelha, aí você metia aquele óleo para temperar – e eu falei: vai ser aqui mesmo. Aí ninguém estava vendo, eu peguei aquele óleo e esfreguei todo na minha roupa, cheguei em casa o próprio mecânico, e minha mãe ficou muito orgulhosa de mim.

Eu estou contando isso para vocês, jovens, porque não são muitas as oportunidades que o jovem brasileiro tem hoje. Se a gente olhar a idade de quem está preso, se a gente olhar a idade de quem está na Febem, se a gente olhar a idade dessas pessoas que estão cometendo crimes, você não vai encontrar ninguém de 80 anos, você não vai encontrar ninguém da terceira idade. Normalmente, são jovens que têm 24 anos, 18, 19, 17, 25, 30, e essas pessoas só chegam a isso pela desesperança, só chegam a isso porque, muitas vezes, dentro de um cubículo onde mora uma família pobre, as pessoas não vêem horizonte e não tendo horizonte, a gente vai tentando se aproveitar daquela primeira oportunidade que aparece, independentemente do que seja a oportunidade.

Eu vi no depoimento de uma menina, aí na televisão, que os pais dela são referência. É por isso que eu também me convenci de que não é a pobreza que leva a pessoa a ser bandido ou a participar de um crime. Ajuda, mas o que leva mesmo um jovem a se desencaminhar é a desagregação da estrutura da família. Eu fui criado, na idade de vocês eu morava nos fundos de um bar, em um quarto e cozinha, morávamos em 13 em um quarto e cozinha, tinha dias que não tínhamos o que comer, mas nós tínhamos uma mãe que abria as asas para que nós soubéssemos que, a qualquer perigo, a gente tinha que voltar para debaixo das asas dela. E minha mãe criou oito filhos. Treze, porque pobre do Nordeste é assim: vai chegando mais pobre, vai pondo dentro de casa. Pobre não rejeita pobre. Essa é uma máxima da sociedade.

Então nós éramos em oito irmãos. Todos nós fomos criados, todos nós nos casamos, constituímos famílias e ninguém cometeu nenhum erro na vida, passamos a ser pessoas da sociedade com comportamento

civilizado. Mas se o jovem não tem dentro de casa uma perspectiva de trabalho, se ele não tem uma perspectiva de estudo, se o pai está brigando com a mãe, se se separam e há uma guerra dentro de casa, onde o jovem não compreende os pais, os pais não compreendem o jovem, e ele perde a perspectiva, para chegar ao abismo é apenas um passo. E essa tem sido uma preocupação constante. É por isso que, nesses três anos, nós criamos muitos programas para a juventude. Mas a dívida que nós temos é tão grande que nós vamos precisar criar muitos outros programas para que a gente possa atender essa crescente demanda que a juventude nos coloca todo santo dia, para que a gente possa atender esse, que é o maior desafio. Porque esses bandidos que vocês viram na televisão esses dias assustando São Paulo, matando policiais, na década de 80 deviam ser meninos de 4 anos de idade, de 5 anos de idade, e que quando nós passamos na rua falávamos: “nossa, que criancinha bonita, que criança maravilhosa, que gordinho, que bochechudo”. Só que essa criança não teve, no tempo certo, a sua esperança atendida, a sua escolaridade atendida, quem sabe por outros problemas que envolveram toda a sua família. Porque nós temos o hábito, quando a coisa não está boa para a gente, de culpar o vizinho, de culpar o amigo. E muitas vezes, nós não procuramos, dentro de nós mesmos, onde é que está o nosso desvio, onde está o nosso defeito.

Então, quando nós criamos o Prominp, quando, lá no Rio de Janeiro, anunciamos, eu não tinha a certeza de que seria tão rápido que a gente poderia viver esse dia de hoje. O que nós estamos fazendo hoje aqui? Nós estamos dizendo para um agrupamento de jovens no Brasil, de meninas e de meninos pobres, estamos dizendo a eles: “olhe, vocês estão tendo uma oportunidade”. A Petrobras, que é a mais extraordinária empresa brasileira, está assumindo o compromisso de ter, como aprendiz, 2 mil e 700 jovens deste país inteiro. O programa todo prevê logo, logo, com outras empresas, 70 mil jovens. Isso significa que vocês poderão ter a mesma chance que eu tive, vocês poderão ter o mesmo caminho que eu tive, quem sabe muito melhor, porque é a Petrobras que está dando o aprendizado para vocês, não é a minha humilde Fábrica de

Parafusos Marte. Mas, aquela fábrica humilde de parafusos Martes, por conta da profissão, eu arrumei emprego numa empresa maior, por conta de uma empresa maior eu aprendi política, fui para o sindicato e, por conta de tudo isso, hoje eu estou, aqui presidente da República. E quem disse que, daqui a 15 anos, dez anos, não pode ser um de vocês que esteja falando no microfone e eu sentado, aqui, já velhinho, tossindo, falando: “meus parabéns, meu presidente da República”. Por que não pode ser exatamente isso? Nós vamos continuar apostando nisso, nós vamos continuar.

José Sérgio Gabrielli, você que era titular de economia da Universidade Federal da Bahia, grande quadro intelectual brasileiro, eu vou dizer uma coisa para você, José Sérgio: em 1998, eu não sei porque neste país o Ministério da Educação decidiu que o governo Federal não ia mais ser o responsável pelo ensino técnico, deixou-se de investir em escola técnica. Nós, agora, revogamos a lei e este ano vamos inaugurar 32 escolas técnicas neste país. Porque você não pode ter um faxineiro e um engenheiro, você tem que ter vários cursos e vários profissionais nesse meio tempo, porque senão fica uma distância muito grande. Da mesma forma que há muito tempo não se fazia universidade neste país, meu caro Santa Rosa. E nós, nesses 42 meses de governo, já estamos fazendo 4 universidades federais novas, já transformamos 6 faculdades em universidades e estamos fazendo 43 extensões universitárias, todas começando neste ano. Sabe por quê? Porque se nós não apostarmos na educação, se nós não apostarmos na formação da nossa juventude, quanto mais as nossas empresas crescerem e todas elas precisarem de mão-de-obra qualificada, mais rara será essa mão-de-obra qualificada, menos competitividade terá o Brasil nesse mundo globalizado e menos empresas virão investir no Brasil, e as empresas brasileiras, se tiverem que investir irão investir, em outro lugar atrás de mão-de-obra.

Meus queridos meninos e meninas, eu queria dizer para vocês que não faz muito tempo que neste país aqui altos dirigentes da Petrobras diziam na televisão, escreviam nos jornais, que o Brasil não estava preparado para produzir plataformas, diziam que o Brasil não estava

preparado para produzir uma série de coisas que, agora, não é, Augusto, estamos produzindo. Se você não deposita confiança no teu taco... a gente aprende é de pequeno. Se nós não depositarmos confiança na nossa gente, na nossa indústria, no nosso trabalhador, quem é que vai acreditar em nós? O nosso concorrente? O nosso concorrente vai querer nos asfixiar. E, por isso, nós estamos acreditando na formação.

Eu vou dar um dado para vocês ficarem surpresos. Todo o sistema de ensino público no estado de São Paulo, que é o maior estado da Federação e que, hoje, tem apenas 18% dos estudantes universitários em escola pública, 82% estão em escolas privadas, em uma demonstração de que foi premeditado o abandono da escola pública neste país, e que só o ProUni, todo o sistema público, Aloizio Mercadante, gera aqui entre 91 mil e 98 mil vagas, entre USP, Unicamp e as federais. Só com o ProUni, em 14 meses em São Paulo, nós colocamos 64 mil meninos e meninas pobres da periferia desse estado para fazer universidade, com bolsas garantidas, por um acordo feito. E fazemos isso porque não tem saída. Não há, na história da Humanidade, nenhum país do mundo que se desenvolveu pela ignorância, não há. Todos que se desenvolveram, acreditaram piamente na Educação e na formação da sua gente.

É por isso que nós... eu, particularmente, tenho certeza de que a alma de quem está aqui está um pouco lavada hoje, porque o surgimento de vocês e deste Programa vai concretizar uma coisa que eu dizia no começo do governo: quando a gente começa um governo, é como se você tivesse plantando uma lavoura, você planta um pé de laranja, não adianta você ficar batendo em cima dele, “por que é que não deu? Tem que dar agora”. Não, tem um tempo de maturação, você tem que roçar embaixo, limpar, jogar água, não deixar que tenha veneno, que tenha bicho, que tenha qualquer coisa, até que, um dia, você vai lá, pega a laranja, pode descascá-la e chupá-la gostosamente. Hoje, José Sérgio, é o dia da colheita. Nós plantamos e não foram poucos os que acharam que o nosso pé de laranja tinha morrido, não foram poucos os que ficaram em volta do pé de laranja sapateando e dizendo “isso aqui não

vai dar em nada”. E hoje, através do Prominp e através da Petrobrás, nós estamos tomando um gostoso copo de suco de esperança.

Meus parabéns a todos vocês, aproveitem e boa sorte.

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de formatura dos alunos do programa Mova Brasil Nova Iguaçu-RJ, 14 de junho de 2006

Minha querida Maria Isidora da Silva, essa senhora que eu entreguei o certificado, essa senhora de 82 anos de idade. Mas eu queria apresentar para vocês, eu queria saber se pode vir aqui na frente a nossa querida Maria de Lourdes, ela deve estar sentadinha aí. Essa jovem tem 105 anos de idade e ainda não terminou o curso, mas essa jovem sonha em continuar estudando. Ela pode sentar aí na frente.

Sobretudo para a juventude brasileira: quando uma senhora, que não teve oportunidade na vida, atinge 105 anos de vida e tem a primeira oportunidade de voltar a estudar e aceita ir para a escola, com o entusiasmo de um adolescente, é um aviso aos adolescentes brasileiros. Vocês não podem desistir, vocês não podem perder a esperança e vocês não podem desanimar nunca, porque a vida de vocês está começando. E vai depender muito o que vai acontecer neste país, no século XXI, da geração que hoje está com 18 anos, 19 anos, 20 anos, e das crianças que estão nascendo.

Então, a dona Maria de Lourdes deveria servir de exemplo para todos nós, ela é como aquela propaganda que foi feita na televisão: ela é brasileira, é pobre, mas não desiste nunca. Ela está aí, acreditando que é possível.

Quero agradecer ao meu ministro da Educação, Fernando Haddad,

Quero agradecer ao nosso querido prefeito Lindberg Farias,

Quero agradecer ao senador Marcelo Crivella, que tem nos dado um apoio muito grande no Senado,

Quero agradecer à deputada federal Jandira Feghali, ao deputado federal Carlos Santana, ao deputado federal Jorge Bittar, ao deputado federal Fernando Gonçalves, ao deputado federal Luiz Sérgio, ao deputado Sandro Matos, ao deputado federal Reinaldo Betão,

Quero agradecer aos prefeitos Artur Messias, de Mesquita; Farid, de Nilópolis; Rogério do Salão, de Queimados; Uzias Mocotó, de São João do Meriti; Godofredo Pinto, de Niterói; Alfredo de Oliveira, de Quatis; Aparecida Panisset, de São Gonçalo,

Quero agradecer ao nosso querido, e eu queria pedir para ele, sim, porque se não fosse o dinheiro da Petrobras... uma salva de palmas ao presidente da Petrobras, o nosso companheiro José Sérgio Gabrielli. Quero, aqui, pedir uma salva de palmas, porque ele falou, aqui – e vocês estavam cochichando, aí, não ouviram direito – ao nosso presidente da Federação Única dos Petroleiros, o companheiro Hélio,

Quero agradecer ao nosso querido Moacir Gadotti, do Instituto Paulo Freire,

Quero agradecer aos vereadores aqui presentes,

Quero agradecer à imprensa,

Mas, sobretudo, eu quero agradecer à Cecília Geralda Gonçalves da Silva, que foi a nossa oradora da turma, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os formandos do Projeto Mova.

Gente, eu tinha, eu tenho um discurso escrito aqui para ler, mas não vou ler. Eu vou conversar, se me permitem, eu vou conversar um pouco com vocês. Primeiro, eu queria dizer ao povo da Baixada Fluminense, que estejam certos que está acabando o tempo em que a Baixada Fluminense era tratada pela imprensa apenas como uma região geradora de misérias e de delinqüentes. Quero que vocês saibam que esta região aqui é uma região pobre, mas é uma região de gente honesta, trabalhadora, gente decente, que quer criar os seus filhos com a maior dignidade. Quero dizer ao povo da Baixada Fluminense que o que nós estamos fazendo aqui não é nenhum mérito não, é obrigação nossa fazer as coisas para o povo pobre porque, afinal de contas, o governo federal não produz dinheiro, quem produz dinheiro é o trabalho, e o dinheiro tem que ser devolvido para quem trabalhou neste país.

A terceira coisa é que vocês têm um prefeito muito esperto. Cada vez que ele fica ali falando de programas, cada vez que ele fica ali

falando das coisas, eu sei que, na semana seguinte, ele estará pedindo uma audiência para pedir dinheiro para mim, eu sei disso. Quero dizer a todos vocês que nenhum prefeito da Baixada Fluminense, independentemente do partido que ele seja, deixou de ser tratado por mim com respeito e com seriedade. Embora eu olhe a cara do prefeito, o que eu estou vendo é cara do povo e não a cara de um prefeito ou de um governador, porque nós temos mandato, ele acaba logo, mas o povo continua.

Eu sei que o povo da Baixada sofre, sofre para ir trabalhar. Eu sei de um tal de um viaduto aqui, que ele está precisando de uma verba, o viaduto de Posse, já veio no avião, no meu ouvido ali: “Presidente, eu não posso anunciar?”. Não pode anunciar. Vamos primeiro trabalhar o projeto e, se esse viaduto de Posse for para resolver o problema ou um dos problemas do povo da Baixada Fluminense, podem ficar certos que esse trecho que ele está pedindo vai sair, podem ficar certos. Nós vamos discutir com o Ministro dos Transportes, com o Ministro das Cidades e vamos ver se a gente resolve isso. Eu só não quero prometer antes de conhecer o projeto, antes de conhecer o custo do projeto.

Mas eu quero dizer mais. Eu sei que aqui tem homens e mulheres que levantam quatro e meia da manhã para ir trabalhar, andam a pé, amassando barro. Quando ele me falava dessas pessoas que colocam plástico no sapato, eu me lembro, eu morava numa rua chamada rua Verão, não era uma subidinha não, era uma pirambeira desgraçada de barro vermelho. Eu tinha uma galocha velha, eu levantava de manhã, colocava a galocha, chegava numa padaria onde já tinha asfalto, tirava a galocha, embrulhava no jornal, levava para a fábrica, lavava a galocha, trazia a galocha no ônibus, descia do ônibus, colocava a galocha e chegava em casa com a galocha entupida de barro e a barra da calça entupida de barro. Eu sei a vida do povo pobre deste país, eu sei como é que o povo sofre neste país, porque eu sou presidente agora, mas eu não fui presidente a vida inteira. Eu sou presidente há pouco tempo e sei como é que esse povo sofre. É por isso que tem algumas pessoas que ficam quase que transmitindo ódio nos discursos deles contra nós. É

porque eles sabem que se eu tiver que escolher entre eles e o povo pobre, eu vou ficar com o povo pobre deste país, que é quem trabalha, que é quem produz, quem gera riqueza. Eles sabem que eu não tenho duas caras, eles sabem que eu tenho um lado e eles sabem que, embora eu tenha que governar para todos, tenha que governar para o empresário, tenha que governar para a classe média, porque todos são brasileiros, eles sabem que eu tenho que priorizar a parte mais oprimida da sociedade, a parte mais fraca da sociedade, que são mulheres e homens pobres deste país, que são a maioria deste país.

Mas hoje é um dia de festa para o Rio de Janeiro. Posso dizer para vocês que hoje é um dia de festa para o Rio de Janeiro, não apenas porque eu estou aqui numa festa com a Petrobras, com a Federação dos Petroleiros, com os nossos prefeitos, com o Gadotti, do Núcleo Paulo Freire, com o Fernando Haddad, com os deputados, e estou aqui com a dona Maria de Lourdes, não é só por isso, não. Essa é uma coisa fantástica, porque alfabetizar uma pessoa significa você tirar a pessoa da escuridão e colocar a pessoa para aprender a ler.

Eu me lembro – vou contar um caso para vocês – minha mãe era analfabeta, morreu analfabeta. A minha mãe pegava um ônibus, ia para a Praça da Sé, em São Paulo, na verdade ia para a Praça João Mendes. Às vezes, a coitada se perdia porque não sabia ler a palavra Vila Carioca, e tinha vergonha de perguntar para quem estava no ponto, se aquele era o ônibus dela. E ela ficava tentando esperar o ônibus pela cor, era um ônibus vermelho com uma faixa branca, mas não tinha só ele com faixa branca e, às vezes, pegava ônibus e ia para outro lugar, não ia para casa.

Então, quando vocês entram na escola, que aprendem o bê-á-bá, o mais nobre de tudo isso não é aprender o bê-á-bá, é que a alfabetização está estendendo uma mão para vocês e dizendo: vamos continuar na escola. Vamos continuar na escola, porque, no meu governo, dinheiro colocado em escola não é gasto, é investimento. Gasto é dinheiro colocado em cadeia, gasto é dinheiro gasto em prisão, em escola é investimento, porque cada menino ou cada menina, cada

homem ou cada mulher que aprender a ler e a escrever, que aprender uma profissão, eles vão ganhar a sua independência, sua independência profissional. As mulheres vão ser mais livres, não vão ficar dependendo de esperar o salário do marido em casa, elas vão trabalhar e vão viver com o seu salário. E quando a mulher é independente, ela é mais livre, ela anda de cabeça erguida, ela não tem que ficar pedindo 10 reais para o marido para comprar uma peça íntima, para comprar coisas, ela trabalha e ela compra com o seu salário.

É por isso que nós queremos que vocês estudem. É por isso que nós estamos criando mais universidades, é por isso que estamos criando mais escolas técnicas, é por isso que aumentamos para nove anos o tempo de permanência na escola das nossas crianças. E é por isso que vamos, com outras empresas, como a Petrobras, fazer o que estamos fazendo aqui, para ver a cara de vocês. Não tem idade para a gente conquistar o prazer pela vida, não tem idade para a gente conquistar a nossa independência.

Uma mulher de 105 anos de idade, sair da sua casa para vir aqui participar de uma festa dessa, ela me disse o seguinte: “Presidente, volte para Brasília, porque vale a pena a gente acreditar no povo deste país, porque vale a pena a gente acreditar que este país tem jeito”.

Uma outra coisa importante, gente, é que eu vim hoje anunciar, no Rio de Janeiro, com a Petrobras, nós viemos lançar a pedra fundamental de uma obra que vai começar a ser construída em janeiro, que é um investimento de 14 bilhões de reais, num Pólo Petroquímico no Rio de Janeiro. Vocês vão perceber que nós vamos mudar a cara do Rio de Janeiro, serão milhares e milhares de empregos que serão criados neste estado, será a redenção da cidade de Itaboraí, de São Gonçalo, mas será também a extensão, porque atrás do Pólo Petroquímico virá dezenas ou centenas de outras empresas que irão se instalar nas cidades periféricas do Rio de Janeiro. E a gente vai perceber que o povo pobre começa a ter o direito de comer três vezes ao dia, o povo pobre está percebendo que a comida está mais barata nos supermercados; o povo pobre está percebendo que o material de construção baixou muito,

que o cimento baixou muito, está percebendo que a inflação está controlada. Quem é que não lembra, aqui, que há 20 anos, a inflação era 80% ao mês? Hoje ela está 4% ao ano, significa mais dinheiro no bolso do povo trabalhador. Lógico que a gente ainda não pode fazer tudo, porque só Deus conseguiria consertar, em quatro anos, o que não foi feito em 500 anos, só Deus. Mas nós vamos fazer – e tem muita coisa para acontecer – eu quero dizer para vocês que saio daqui mais convencido do que quando cheguei de que vale a pena a gente gastar dinheiro para ajudar o povo pobre deste país.

Outro dia eu fui numa cidade inaugurar o Programa “Luz para Todos”, uma senhora de 107 anos de idade nunca tinha visto uma luz elétrica na vida dela. Quando a gente leva luz na casa de uma pessoa, a gente está tirando a pessoa do século XVIII e levando para o século XXI, nós estamos tirando as pessoas das trevas, estamos dando luz para as pessoas.

Eu vi uma moça levantar a placa do ProUni ali, está ali Fernando. Eu queria, minha querida jovem, agradecer pela lembrança, porque o ProUni é uma revolução da educação brasileira. Nós colocamos 203 mil jovens da periferia deste país, pobre e de escolas públicas, que jamais poderiam estudar numa universidade, para estudar de graça. E isso é extremamente importante, porque eu digo sempre o seguinte: eu tenho cinco filhos, a maior herança que um pai, a maior herança que uma mãe quer deixar para um filho, não é dinheiro não, não é um carro novo não, não é uma casa, a maior herança que um pai pode deixar para os seus filhos é a sua formação profissional. É ele poder se formar e ser dono do seu nariz, andar de cabeça erguida neste país, arrumar emprego em qualquer lugar do Brasil ou em qualquer lugar do mundo. E, lamentavelmente, os pobres estavam proibidos de ir para a universidade brasileira, como os pobres estavam proibidos de ir para as escolas técnicas, porque em 98 nós tínhamos o ministro da Educação que mandou para o Congresso uma lei tirando do governo federal a responsabilidade pelas escolas técnicas. Sabem por quê? Porque ele já

tinha aprendido a sua profissão e ele não sabe o que significa uma profissão para uma menina ou para um menino pobre deste país.

Portanto, eu quero dizer para vocês que eu saio daqui, vou para Brasília com a alma lavada. Primeiro, porque eu vi a cara de vocês, segundo, porque cada vez que eu me encontro com vocês, eu fico pensando assim: quando que o Brasil já pensou que tivesse alguém com a cara deles, alguém vivido com eles, alguém nascido do meio deles chegando à Presidência da República? Então, vocês podem saber de uma coisa, eu sei que nós temos muito para fazer. Então, eu queria dizer para vocês, nós temos muita coisa para fazer. Agora, eu queria pedir para vocês uma coisa, gente, não desanimem nunca, faz 43 meses que o emprego cresce neste país, depois de 20 anos sem crescer. Na década de 80 e 90 o Brasil quase não gerou empregos, faz 43 meses em que todo mês a gente tem um saldo positivo de emprego com carteira profissional assinada.

E quando a gente faz justiça aos mata-mosquitos, a gente faz justiça e nós sabemos que temos que fazer justiça com outros trabalhadores que foram mandados embora, porque um dia este país elegeu um Presidente da República que achou que era deus e começou a mandar servidor público embora, de tudo quanto é lugar, a mandar embora, a tirar trabalhador. E nós precisamos recuperar, porque se tem uma coisa sagrada na vida de um ser humano, é o direito de trabalhar. Não tem nada que dê mais orgulho a um homem ou a uma mulher do que trabalhar e, no final do mês, levar para casa o sustento da sua família às custas do seu trabalho.

Este país, meus companheiros, este país sem analfabeto, este país com emprego e este país com dignidade, fiquem certos, nós haveremos de construí-lo. Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês e boa sorte.

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da I Conferência Nacional de Economia Solidária – “Economia Solidária como Estratégia e Política de Desenvolvimento”

Brasília-DF, 27 de junho de 2006

Eu espero que daqui a uma hora e meia a gente esteja com esse mesmo entusiasmo, vendo o Brasil ganhar de Gana,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu querido Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro Altermir Gregolin, secretário especial da Aqüicultura e Pesca,

Meu querido companheiro Eduardo Suplicy,

Deputada federal Terezinha Fernandes,

Minha querida Maria do Carmo Ferreira da Silva, secretária especial interina de Políticas de Promoção para a Igualdade Racial,

Minha querida Márcia Lopes, secretária executiva do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro de muitos e muitos anos, Paul Singer, secretário nacional de Economia Solidária,

Meu querido Ademar de Andrade Bertucci, representante do Fórum Brasileiro de Economia Solidária,

Meu querido companheiro José de Filippi, prefeito de Diadema, onde nós temos uma experiência muito bem-sucedida de uma cooperativa de metalúrgicos,

Minha querida companheira Arlete Sampaio, deputada distrital aqui de Brasília,

Meu querido companheiro Chico Vigilante, deputado distrital,
Meu caro Jacques de Oliveira Pena, presidente da Fundação Banco do Brasil,

Minha querida companheira Ângela Maria Schwengber, representante da rede de gestores de políticas públicas de economia solidária,

Meu caro Pedro Rafael Lapa, diretor de gestão de desenvolvimento do Banco do Nordeste,

Senhor Niro Barrios, presidente da Cooperativa Geralcoop e diretor da Unisol Brasil,

Senhor Vicente Falqueto, diretor executivo do Instituto Marista de Solidariedade,

Senhor Carlos Alberto Ribeiro de Figueiredo, gerente-geral da Petrobras em Brasília,

Meus queridos companheiros e companheiras participantes da I Conferência Nacional de Economia Solidária,

Meus amigos e amigas jornalistas,

A primeira vez que eu fui escolhido para ser presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em 1975, nós estávamos fazendo, Paul Singer, um curso de psicodrama, que era para a gente despertar em cada um dos dirigentes a sua visão de mundo, a sua visão de sindicato. E uma das cenas que me fez ser escolhido para presidente do Sindicato, porque tinha outros pretendentes, é que tinha uma pergunta que dizia o seguinte: agora vocês vão representar a visão de vocês sobre o sindicato. E o meu concorrente pediu para um companheiro agachar, subiu em cima desse companheiro e ficou com os braços abertos como se fosse um avião. E quando chegou a minha vez, eu reuni todo mundo que estava na sala, nós demos as mãos e fizemos uma roda de pessoas. E por conta disso eu fui escolhido pela diretoria para ser presidente do Sindicato de São Bernardo do Campo. Foi a primeira visão de acreditar no coletivo, de acreditar na união.

Depois que eu assumi o Sindicato, o Marinho, muito jovem, peão novo na categoria, ele sabe que nós cunhamos um personagem chamado “João Ferrador”. O João Ferrador era um bonequinho bravo que tinha um chapeuzinho e na camiseta estava escrito assim: “hoje eu não estou bom”. Se fosse hoje, estaria escrito na camiseta: “hoje eu estou bem”. Mas naquele tempo, o clima político exigia que nós colocássemos “hoje eu não estou bom”.

Eu descobri que os trabalhadores tinham dificuldade de ler os boletins que a gente fazia, porque a gente fazia um boletim e, primeiro, tinha uma dissertação ideológica, sempre xingando alguém e, no final, a gente colocava o que a gente queria. Mas entre a gente distribuir o boletim e a portaria da fábrica eu descobri, um belo dia, que não dava tempo para o trabalhador ler o que a gente queria. Ele lia todos os xingamentos, mas na hora dos entretanto, ele jogava fora o boletim.

Então, nós inventamos de fazer história em quadrinhos com o “João Ferrador”, o maior símbolo que a gente utilizava dizendo que uma vara só era muito fácil de quebrar, mas que um feixe de varas era praticamente impossível de se quebrar. Por que eu contei essas duas histórias para vocês? Porque esse momento que nós estamos vivendo aqui, para quem acredita em cooperativas, para quem acredita em economia solidária, é uma espécie de momento mágico. É uma coisa muito forte por quê? Não pelo que nós já fizemos, mas pelo simbolismo desta Conferência, que nos diz o que nós poderemos fazer daqui para frente. E quando eu digo nós fazermos, não é o Lula fazer, porque eu acredito numa outra coisa mais sagrada até do que a figura da pessoa, é um padrão de relacionamento que o Estado brasileiro precisa criar com a sociedade para permitir que a sociedade não dependa da decisão de um homem, mas dependa das decisões emanadas dos próprios fóruns coletivos de que participa.

O que eu quero dizer para vocês, no fundo, no fundo, é que nós temos que criar uma organização tão forte e tão sólida que, independentemente de quem venha a ser presidente da República, essa pessoa saiba que não pode desmontar o que está enraizado, que não

pode desrespeitar a vontade de um coletivo da sociedade brasileira, e esse é o maior legado que um presidente da República pode deixar para o seu povo, é a organização sólida, é o convencimento da sociedade de que valeu a pena acreditar naquilo.

Eu vou dar um exemplo para vocês: durante muito tempo no Brasil, e a Arlete se lembra disso, nós só tínhamos uma conferência que era a Conferência Nacional de Saúde. E a Conferência Nacional de Saúde conquistou tanto espaço que poderia ser ministro da Saúde do PFL, do PMDB, do PT, do PSDB, não importava de quem fosse o ministro da Saúde, essa Conferência era realizada com a presença de milhares de pessoas, os ministros estavam lá e eu fui convidado para várias delas.

Nesses 42 meses de governo, que nós completaremos no dia 1º de julho, essa, Paul Singer, é a 38ª Conferência Nacional que nós realizamos aqui no Brasil. Ainda no final de semana, eu participei de um ato cooperativo, lá em Chapecó, com os trabalhadores da agricultura familiar, onde praticamente 10 mil pessoas participaram, não só de apoio, mas de assinatura de convênios de construção de casas para o homem do campo. Nós estamos fazendo isso com a pesca, estamos fazendo isso com a Secretaria da Igualdade Racial, estamos fazendo com os estudantes, com os portadores de deficiência, por quê? Porque nós queremos criar uma rede muito sólida da sociedade civil organizada, porque aí ela tem um muito mais força para fazer as coisas acontecerem.

Em segundo lugar, porque eu estou feliz não pelo que nós já fizemos, mas pelo que a gente pode fazer. É porque quando nós tomamos posse, há 42 meses, vocês se lembram, cooperativa era uma coisa quase proibida pela orientação do Banco Central, era muito limitada, tinha muito empecilho, porque no Brasil tem um determinado tipo de político que desconfia de todo mundo até prova em contrário. Então, “não podemos abrir cooperativa, não podemos financiar microcrédito, não podemos fazer isso porque vai ter inadimplência, porque as pessoas não vão pagar, porque as pessoas, não sei das quantas”...

E nós fomos descobrindo, com o tempo, que o melhor pagador do Brasil é o pequeno, porque ele tem como valor patrimonial o seu nome, o nome da sua família e a sua honra. Então, quando ele toma um dinheiro emprestado, pagar, para ele, não é uma questão eminentemente econômica, é uma questão de caráter.

Bem, eu acho que nós estamos chegando num momento importante. Em um primeiro momento, nós tivemos que convencer o Banco Central a fazer a flexibilização que tinha que fazer. Eu achava que era mais fácil, mas a teoria e a prática têm uma distância do tamanho do Oceano Atlântico. O Djavan é que fala que o teórico só vê o dia com 24 horas e o prático vê o dia com manhã, tarde, noite e madrugada. Então, eu achava que era tudo mais fácil, e aí eu fui percebendo que criar mais ou menos cooperativa, fazer mais ou menos microcrédito, não é apenas uma questão de lei, é um processo político-cultural, é um processo de convencimento, até porque determinadas coisas só darão certo se vierem de baixo para cima. Se o governo achar que por conta de um Decreto Lei pode resolver os problemas da cooperativa, ele está predestinado ao fracasso, porque é preciso que haja a maturação das pessoas, é preciso que haja o amadurecimento. E esse amadurecimento, normalmente, é coletivo.

Eu me lembro que lá em São Bernardo nós tínhamos uma empresa chamada Conforja, não sei se tem alguém aqui da Conforja, Maria, mas eu me lembro que a Conforja era uma grande metalúrgica com mais de 3 mil trabalhadores. Quando ela faliu, a maioria das pessoas não recebeu nada. Então, o Sindicato propôs criar uma cooperativa. A maioria dos trabalhadores não acreditou, alguns foram até para a porta da fábrica fazer assembleia contra o Sindicato, dizendo que o sindicato estava traindo os trabalhadores, não é, Remigio, que era preciso brigar, não sei das quantas.

O que aconteceu de lá para cá? Os que entraram na Justiça até hoje não receberam a sua indenização. Os que optaram pela cooperativa estão ganhando muito mais do que ganhavam enquanto trabalhadores, e

a empresa está crescendo. E aí tem outros exemplos, tem outros exemplos em vários lugares do Brasil.

Então, esta Conferência, Paul Singer, para mim é a consagração. É a consagração de um desejo, é a consagração de um sonho. Hoje, o Banco do Brasil tem mais noção de que é bom emprestar para o pequeno; hoje, o BNDES – eu pensei que estava aqui até o Maurício Borges, não está aqui, que é o nosso diretor especial para Microcrédito – mas hoje o BNDES está convencido de que tem que colocar dinheiro para o microcrédito, o Basa, o BNB, a Caixa Econômica Federal com a inclusão bancária. O que nós criamos até agora, na verdade, não foi ainda a realização de todo o nosso sonho, mas foi a prova de que nós somos capazes de construir algo diferente neste país.

Vocês percebem que com apenas 42 meses.. o Paul Singer fazia parte de um grupo de economistas que durante muitos e muitos anos debateram comigo. Eu, cada vez que perdia uma eleição, montava um grupo de economistas: Aloízio Mercadante, Paul Singer, Eduardo Suplicy, Paulo Nogueira Batista e tantos outros que não vou ficar citando, Maria da Conceição Tavares. E a gente discutia, discutia. E a discussão era sobre o FMI, sobre dívida externa, sobre “não sei das quantas.” Hoje, o que nós estamos provando? Primeiro, nós estamos provando o seguinte: nós temos que fazer a lição de casa. Qual é a lição de casa? Nós temos compromisso? Nós temos que cumprir os nossos compromissos. São compromissos internacionais, são compromissos feitos por governos anteriores. E quando a gente casa com a viúva a gente tem que herdar os filhos também. A gente não pode querer ficar com a mulher e não ficar com os filhos, ou a mulher com o marido e não com os filhos. Nós temos que casar com o conjunto da alegria e dos problemas também.

Hoje, o que nós fizemos? Hoje nós somos um país que provou ao mundo o quê? Isso é o que me dá mais orgulho, porque eu lembro, Eduardo, que uma vez eu ganhei um avião de presente para o meu filho e um avião todo escrito em inglês, aquelas cartilhas para montar. Eu cheguei em casa, peguei aquele avião e falei: o que diabos eu vou fazer com isso aqui? Eu não sei ler inglês, eu não conheço nada de avião,

como é que eu vou montar? A primeira impressão que tive foi de jogar fora, deixar lá. Aí eu lembrei que era possível procurar alguém que soubesse montar para mim. Arrumei uma pessoa que montou o avião e ficou bem.

O Brasil, quando nós o pegamos, era assim. Ele era uma coisa um pouco desarranjada, as pessoas achavam que não ia dar certo. Economistas sérios, como o Paul Singer, a Maria da Conceição Tavares, achavam que a gente ia ter muita dificuldade. Alguns achavam até que o Brasil estava quebrado. De vez em quando eu dizia para eles: “diabos”, vocês são meus amigos e dizem que o Brasil está quebrado e querem que eu seja presidente da República. Por que eu vou ser presidente da República?

O que aconteceu? É que nós conseguimos arrumar a Casa de tal ordem que alguns críticos do passado não sabem explicar como é que a gente resolveu o problema da economia brasileira ao ponto de chegarmos no ano passado e decidir devolver ao FMI 15 bilhões e 600 milhões de dólares que nós pagávamos de juros e que não precisávamos dele. Saldar o Clube de Paris e até pagar as dívidas das moratórias, ainda do tempo do presidente Sarney. E, além disso, fazer a poupança interna saltar de 17 para 25%, fazer o crédito pular para 32%, fazer uma inclusão bancária de mais de 6 milhões de pessoas que jamais pensaram em passar na porta de um banco, reeducar o sistema financeiro público brasileiro a atender o pobre, porque até então o pobre não sabia nem como entrar numa agência bancária, porque não era atendido. Ou seja, o Brasil não estava preparado para cuidar da parte mais pobre da população. Não estava preparado, não sabia como fazer. ´

Quando nós começamos, o próprio Banco do Brasil, que é um dos bancos mais extraordinários que nós temos, tinha muito gerente, de muitas partes do Brasil, que não tinha mais o hábito de atender o coitadinho que chegava lá de sandália. Não tinha mais o hábito. Não era nem maldade dele, é que ele não foi preparado para aquilo, ele foi preparado para receber um cidadão só, que pegava logo um monte de dinheiro e levava embora todo o dinheiro. É por isso que nós estamos

saltando de 900 milhões de contratos no Pronaf para praticamente 2 milhões de contratos este ano. É por isso que nós estamos deixando de ter uma política agrícola para a região Sul do país, onde a gente atendia 80% o Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e um pouco de São Paulo, e hoje nós estamos atendendo o Acre, o Amapá, Roraima, a Paraíba. Tinha muitos estados em que o pequeno produtor não sabia como chegar ao banco e, se chegasse, não tinha recursos, porque alguém já tinha tirado na frente, ou seja, não tinha café no bule.

Então, hoje, nós estamos com uma coisa muito sólida. Primeiro, nós temos consciência da importância do microcrédito. Segundo, nós temos experiências exitosas; terceiro, nós temos experiências em cooperativas muito exitosas; quarto, nós estamos provando a nós mesmos que a inadimplência junto à parte menor da sociedade, a parte com menos recursos, é muito menor do que junto a outros segmentos mais altos. E aí, uma vez o governador Jorge Viana me disse uma coisa. Ele dizia assim para mim: “Presidente, fala uma coisa que vai ser bom dizer para o povo, diga para o povo o seguinte: dinheiro, mesmo que pouco, nas mãos de muitos, significa distribuição de renda, dinheiro muito nas mãos de pouca gente, significa concentração de riqueza”. Então, o que nós estamos fazendo é pegar uma parte desse quinhão, do dinheiro gerado por vocês mesmos, e fazendo com que ele chegue nas mãos de vocês.

Para os mais diferentes tipos de atividade econômica, para as mais diferentes ações, seja no campo ou na cidade, o resultado para mim tem sido extraordinário. Eu vim a esta Conferência, primeiro, com a perspectiva de que vocês consigam sair daqui com um Conselho montado; segundo, com a perspectiva de que vocês possam trabalhar para fazer mais sugestão para o governo. Vejam, uma coisa que vocês precisam ter clareza da relação que eu tenho com a sociedade organizada, é que mesmo quando eu estou de cara feia, eu não fico nervoso com uma reivindicação, porque eu passei a minha vida fazendo reivindicação, eu sou um reivindicador-mor, eu reivindico todo santo dia, então, eu acho que vocês têm que aprovar aqui as coisas que vão poder

tornar mais sólida essa questão do microcrédito, mais sólida a questão da cooperativa. Se tiver que convencer o Congresso, vamos tentar convencer o Congresso.

Ninguém é totalmente ruim e ninguém é totalmente bom. Nós temos é que pegar o lado das pessoas que a gente pode aproveitar e fazer as coisas andar bem. E eu acho que vocês podem sair daqui com o exemplo de que o Brasil não depende mais do FMI, o Brasil não depende mais do sorriso do presidente americano, o Brasil não depende mais do sorriso de ninguém. O Brasil depende só de nós, e o Ministério do Trabalho tem consciência do papel que joga nisso. O companheiro Marinho também nasceu disso, montou uma equipe preparada para isso.

Então, vejam, nós temos vocês, vocês têm a nós. Nós temos um governo com decisão política para fazer as coisas, vocês sabem o que precisa ser feito, então, isso tudo juntou a fome com a vontade de comer e a comida está na mesa. Vamos aproveitar e vamos saciar a nossa fome.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do Protocolo de Intenções de Valorização do Salário Mínimo

Palácio do Planalto, 27 de dezembro de 2006

Eu quero, primeiro, cumprimentar os companheiros dirigentes sindicais e os companheiros ministros que souberam, da forma mais civilizada possível, se colocar em torno de uma mesa e encontrar um denominador comum que pudesse atender, senão as aspirações e o desejo que temos com relação ao salário mínimo que cada um constrói na cabeça como ideal, atender aquilo que era possível fazer de melhor para que nós continuássemos a política de recuperação do salário mínimo.

Queria agradecer a compreensão do Congresso Nacional, porque quando o Congresso Nacional tem compreensão e vota as coisas corretas, a gente não está livre de pegar alguém que queira chegar no mês de maio e fazer uma apresentação. Mas não se preocupem que eu veto. Se alguém tentar extrapolar o limite do que foi acordado, não tenham dúvida que eu veto, como vetei, antes das eleições, a demagogia daquele aumento que quiseram dar. Até porque eu acho que o Brasil precisa de muita seriedade para que a sociedade comece a confiar no País, comece a confiar nos seus dirigentes, nos seus legisladores, comece a confiar nas instituições, e aí nós vamos perceber que vai ficar muito mais fácil fazermos o que tem que ser feito no Brasil. A discussão sobre reforma não será traumática, a discussão sobre salário mínimo não será traumática, e nenhuma discussão será traumática se ela for feita por gente que tem disposição de fazer e for feita da forma mais democrática possível.

Há um avanço a ser consagrado nesta reunião de hoje e na assinatura deste protocolo, que é importante ressaltar. Há um avanço do governo, mas há um avanço também dos dirigentes sindicais, e é importante a gente dizer porque isso faz parte da história. Não faz muito

tempo que o movimento sindical urbano brigava por aumento de salário mínimo, como não faz muito tempo que no Brasil o governo se dispôs a discutir salário mínimo com os dirigentes sindicais urbanos. Na verdade, o salário mínimo era uma peça de ficção para discurso nosso no Dia 1º de maio. Isso valia para o Marinho, quando era presidente da CUT, para mim, quando eu era presidente sindical do ABC, e para todos vocês. A gente fazia um discurso no 1º de Maio, até porque a maioria das nossas categorias não representa o trabalhador de salário mínimo.

Qual é o avanço que nós estamos conseguindo aqui? Primeiro, criando um novo padrão de relacionamento entre o Estado brasileiro e a sociedade brasileira e as suas mais variadas organizações de representação da sociedade. No caso de vocês, essa representação com o chamado setor organizado dos trabalhadores brasileiros. Na hora em que a gente cria esse padrão de relacionamento, não importa quem venha a governar o Brasil daqui a 4 anos, 5 anos, 6 anos, 10 anos, não importa. Se esse padrão novo estiver consolidado e houver uma seriedade entre o governo federal, o Congresso Nacional e os sindicalistas, nós continuaremos estabelecendo um padrão de tamanha civilidade que as pessoas terão que acatar um acordo feito como esse quase que como uma lei, uma decisão de uma instância superior, porque aqui está expressa a vontade de um conjunto de pessoas que representam a sociedade brasileira.

E por que eu digo isso? Porque não era habitual no Brasil, e em nenhum país do mundo, e vocês sabem disso, essa relação entre governo e sociedade. Aqui está cheio de companheiros dos mais diferentes partidos políticos, das mais diferentes crenças religiosas, e a gente conta nos dedos, sobretudo nos dedos da minha mão em que falta um dedo, quantas vezes você conseguiram *in loco* uma audiência com o presidente da República? Quantas vezes? E não são só os dirigentes sindicais não, são todos os segmentos da sociedade que não tinham espaço, quando muito o presidente chamava alguém que era seu amigo para conversar, mas trazer todo mundo para conversar, para ouvir, para discutir, para ouvir coisas contrárias, coisas a favor, isso não é hábito,

não faz parte da cultura brasileira, e nunca fez.

Então, vocês precisam nos ajudar a construir esse novo padrão, que é um padrão que deve vir para ficar, para perpassar vários e vários governos, portanto, durar várias e várias décadas. E isso é, possivelmente, a maior conquista que nós estamos tendo nesta tarde de hoje, que é o segundo ano consecutivo que nós fazemos o acordo. E eu fiz questão de valorizar os companheiros que assinaram o Protocolo anterior e, quando na Câmara dos Deputados, faltando alguns meses para as eleições, alguém tentou mudar, os mesmos trabalhadores que aqui vieram foram lá protestar e dizer que era para vetar, e eu vetei com o maior prazer.

Pois bem, nós estamos repetindo esse novo acordo. Possivelmente não seja tudo o que cada um de nós sonhou. Agora, não menosprezem o que significa 30 reais para um homem que ganha um salário mínimo. Talvez quem ganhe 30 salários mínimos não saiba o valor que tem isso, talvez quem ganhe 20 salários mínimos não saiba, até porque 30 reais ele gasta de cerveja numa noite, mas para uma pessoa pobre, 30 reais às vezes significa o sustento dos próximos 15 dias. E todo mundo que vive de salário sabe o significado que tem, às vezes, uma moeda. Eu me lembro, quem é de São Paulo, aqui, eu estudava no Senai do Ipiranga, e também trabalhei na (inaudível), e eu me lembro quantas vezes – eu já tinha mudado para a Ponte Preta, divisa com São Caetano – por falta de uma moedinha de 50 centavos, eu andava a pé 12 quilômetros, e ainda tinha que me esconder naquele campo onde hoje é a Favela de Heliópolis. Naquele tempo era só campo de futebol. Quem lembra? Tinha uns 40 campos de futebol. Acontece que eu pegava o ônibus no ponto e a minha mulher pegava em um ponto antes de mim – minha mulher não, minha noiva, depois virou minha mulher – e eu tinha que sair a pé, e toda hora que vinha um ônibus eu corria para o meio do campo para que a minha noiva não visse que eu estava andando a pé com a minha marmitinha, por causa de uma moedinha. E hoje nós sabemos quantos trabalhadores no centro de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, vão trabalhar a pé porque

não têm essa moedinha, não têm 1 real, não têm 2 reais. Então, primeiro, é preciso valorizar, porque 30 reais é pouco para quem tem muito, mas é muito para quem tem pouco.

Há um ditado que diz o seguinte: pouco dinheiro nas mãos de muitos significa distribuição de renda, muito dinheiro nas mãos de poucos significa concentração de riqueza. Então, é importante que a gente valorize isso que vocês conseguiram fazer aqui. Isso não é uma coisa pequena, isso é uma conquista que vocês tiveram e que vocês estão passando para os trabalhadores que ganham salário mínimo, vocês que representam categorias que, na sua grande maioria, não ganham mais o mínimo, resolveram estender a mão para ajudar aquele companheiro que ainda não chegou onde vocês já estão. E isso não é pouca coisa. Se tivesse mais gesto de solidariedade e de grandeza de comportamento neste País, certamente nós teríamos avançado muito e muito mais vezes.

Segundo, é preciso que a gente tenha coragem de fazer as coisas que nós ainda não fizemos, porque fazer a mesmice qualquer um faz, fazer as coisas diferentes é que é o desafio que está colocado para nós. E eu vou dizer para vocês uma coisa: nós vamos ter que discutir reformas. Agora, uma coisa é discutir reforma em que o governo contrata meia dúzia de técnicos, prepara uma proposta e manda para o Congresso Nacional e fala: está pronta aqui a reforma, e coloca os líderes do governo para brigar com os líderes da oposição. Essa não deu certo e o resultado dela certamente é danoso à sociedade. Mas eu sonho em construir a reforma junto com vocês. Vamos criar os foros necessários, envolvendo os deputados, envolvendo os dirigentes sindicais, envolvendo os trabalhadores da ativa, os inativos, o governo, e vamos sentar, vamos colocar as nossas diferenças em torno de uma mesa e vamos tentar discutir, depois de um diagnóstico muito correto, quais são as soluções que cada um de nós quer deixar para os nossos filhos no mundo do trabalho e no mundo da Previdência Social, e em tantas outras áreas. Este País nunca foi discutido pra valer, ele nunca foi discutido com a seriedade que precisa ser discutido. Eu, agora, fui reeleito mais quatro anos e não quero fazer o mesmo que já fiz nos

primeiros quatro anos. Já fiz, está feito.

Agora temos que fazer uma coisa nova. E, pelo amor de Deus, não cometam o erro de fazer a palavra desenvolvimento ou crescimento econômico sem combinar junto com ela a palavra distribuição de renda, porque este País, eu já disse a vocês na outra reunião, este País, quando o PIB cresceu 13.94 em 1973, o salário mínimo teve uma perda real de 3,4%. Então, é preciso saber que nós avançamos muito até aqui porque, meu caro Salim, o Brasil não estava habituado a exportar importando, o Brasil não estava habituado a ter um crescimento das exportações com o crescimento do mercado interno, o Brasil não tinha experiência em microcrédito, o Brasil não tinha experiência de crédito consignado. Nada disso vinha da cabeça dos grandes acadêmicos, muito disso é da cabeça de vocês, o que mostra que se a gente souber, com muita paciência, utilizar a boca que a gente tem para falar menos e utilizar as duas orelhas para ouvir mais, a gente pode acertar. E pode acertar cada vez mais.

Eu fui sábado, no dia 23, numa cooperativa de catadores de papel em São Paulo, não pela quantidade de dinheiro que eles estão ganhando, mas pela quantidade de liberdade que eles estão ganhando: se organizar numa cooperativa, o BNDES dar crédito para aquelas pessoas aprenderem a tratar o papel, porque antes eram tratados como uma coisa de segunda, eu diria, cidadãos de segunda categoria ou terceira. Quem era que parava na rua para cumprimentar um catador de papel? Hoje eles nos chamam de companheiros e vão vir na nossa posse. Quem já imaginou um catador de papel vir na posse de um presidente da República, ou um morador de rua vir? Eles estão vindo porque estão adquirindo consciência, e muitos deles ainda não chegaram ao padrão de um trabalhador de salário mínimo.

Então, vocês imaginem o que nós temos para fazer pela frente. Que vocês façam quantas marchas vocês quiserem fazer, mas que a gente nunca perca de vista que depois de cada marcha nós temos que dar um resultado para ela. E o resultado não é fazer uma outra marcha no ano que vem, é resolver o problema de cada marcha numa mesa de negociação. Enquanto eu for presidente da República, vocês poderão ver

o defeito que quiserem ver no governo, mas vocês não verão, nunca, o defeito de que neste governo não houve espaço para as lamúrias, para os reclames, mas também para as concordâncias, também para os acertos. E eu acho que nós temos condições de avançar muito mais, estamos apenas começando.

Os primeiros quatro anos foram apenas uma demonstração do que é possível fazer. E desburocratizar o País, meu caro Salim, às vezes a gente mexe com a estrutura corporativa, o que vai precisar da compreensão de vocês, porque senão, no mundo, a história nos ensina que é mais fácil ficar como está do que tentar fazer qualquer mudança. E, afinal de contas, para que vocês entraram no sindicato? Para que eu virei presidente da República? Para virar a mesmice? A mesmice não precisava de nós. O que precisa de nós é um novo que está dentro de nós, e nós não estamos perto, como diz o Paulinho, porque em 2023, eu quero estar aqui, tossindo menos do que eu estou agora, reivindicando mais conquistas para o conjunto da sociedade brasileira.

Então, meus companheiros, eu quero agradecer. Quero agradecer porque o ano de 2006 termina de forma altamente positiva. Houve quem não acreditasse nisso, houve quem esperasse o caos, e o caos não aconteceu, porque neste País tem uma coisa que as pessoas precisam aprender a respeitar, que nem sempre é levada em conta nas avaliações políticas, nem sempre é levada em conta em estudos, chamada povo, essa coisa chamada povo é muito poderosa quando ele se move, e o povo brasileiro está se movendo e vai se mover cada vez mais porque quanto mais ele se move, mais nós iremos consolidar a democracia neste País.

E quero terminar dizendo para vocês: nós, vocês sindicalistas, companheiros parlamentares, a sociedade brasileira e o governo precisam botar na cabeça que nós não estamos aqui apenas para governar, nós estamos aqui para cuidar deste País. E cuidar deste País significa a gente tratar o povo como a mãe da gente trata os filhos: cuidar dos que mais precisam, em primeiro lugar, evitar que eles continuem cada vez mais miseráveis. Este não é o compromisso do presidente Lula,

não. Eu quero que vocês saibam que a responsabilidade de vocês é do tamanho da minha, embora haja diferença de cargo. Mas a nossa responsabilidade, como seres humanos, como brasileiros, que acreditamos na construção de um outro país, passa por sermos cúmplices na hora de fazer as coisas boas e ser democráticos na hora de fazer as críticas que têm que ser feitas.

Hoje, vocês só merecem aplausos. Parabéns, Marinho, por tudo o que vocês fizeram, e parabéns aos sindicalistas.

Leia o release sobre o assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/REL271206.DOC>

**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,
durante vistoria às obras do trecho ferroviário Araguaína-
Aguiarnópolis da Ferrovia Norte-Sul
Aguiarnópolis-TO, 23 de maio de 2006**

O presidente Sarney não esqueceu o jeito com que ele se dirigia ao povo brasileiro quando era presidente, utilizando os brasileiros e brasileiras. Eu não vou deixar nunca de dizer companheiros e companheiras, sabendo que os companheiros e companheiras são os mesmos brasileiros e brasileiras que o Sarney costuma utilizar.

Meu caro governador Marcelo Miranda,

Meu caro ministro Paulo Sérgio de Oliveira, ministro dos Transportes,

Meu caro deputado César Halum, presidente da Assembléia Legislativa, em nome de quem cumprimento todos os deputados estaduais,

Meus caros companheiros senadores que me apóiam no Congresso Nacional, João Ribeiro e Leomar Quintanilha,

Meu caro deputado federal Osvaldo Reis,

Meus caros prefeitos Antonio Aires Maranhão, de Aguiarnópolis, e meu caro Raul de Jesus Lustosa Filho, de Palmas. Falando o nome dos dois eu quero cumprimentar todos os prefeitos das cidades vizinhas que vieram participar deste ato,

Meu querido Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Meu caro José Edmar Brito Miranda, secretário de Infra-Estrutura do Tocantins, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os secretários de estado, todos os secretários municipais aqui presentes,

Meu caro José Francisco das Neves, diretor-presidente da Valec,

Meus queridos representantes do povo das cidades,

Vereadores,

Representantes dos empresários,

Meus caros companheiros do DNIT,

Jornalistas,

Amigos e amigas,

Eu vou esquecer um pouco o que está escrito no meu pronunciamento e vou contar uma história para vocês.

Quando eu perdi as eleições, em 1989, eu me dei conta de que alguém para ser candidato a presidente da República de um país do tamanho do Brasil precisaria, antes de tudo, ter a humildade e conhecer o tamanho da coisa que ele quer governar.

Eu estou dizendo isso porque foi exatamente a partir de 1992 que eu comecei a percorrer o Brasil de trem, de ônibus, de barco e de carro. Foram praticamente, presidente Sarney, 91 mil quilômetros andados em três anos; 91 mil quilômetros em que eu atravessassei, do Oiapoque ao Chuí, este país, percorrendo e conhecendo cidades, conhecendo acampamentos, conhecendo os nossos rios, a nossa riqueza, a nossa pobreza, até que chegou 2002. Por que eu comecei a contar essa história? Porque em 1987 eu era deputado constituinte, o deputado mais votado da história do Brasil. E eu cheguei lá, não conhecia o presidente Sarney, conhecia a história política que o tinha levado à Presidência da República, e chega lá o presidente Sarney e anuncia a construção da Ferrovia Norte-Sul.

Um dia desses, Sarney, eu estava conversando com o ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim, que foi constituinte junto comigo, e eu estava lembrando a eles quantos discursos nós fizemos contra a Ferrovia Norte-Sul, muitos discursos, Sarney. A gente dizia textualmente que a Ferrovia Norte Sul era uma ferrovia – naquele tempo não tinha a palavra “virtual” –era uma ferrovia que ligava nada a nada e somente depois que eu comecei a andar o Brasil, a conhecer a profundidade das diferenças do país, conhecer a profundidade das desigualdades regionais deste país é que eu me dei conta de quantas vezes nós cometemos injustiças contra pessoas, dizemos que não gostamos de pessoas sem conhecer as pessoas, dizemos que gostamos sem conhecer, somos contra alguma coisa sem saber porque somos contra.

Hoje, eu estou aqui, porque depois de percorrer 91 mil quilômetros neste país, de estrada, de ferrovia e de barco, eu ganhei as eleições para

presidente da República e, logo no primeiro ano, disse ao presidente Sarney: nós vamos retomar a Ferrovia Norte-Sul porque ela é extremamente importante para o processo de integração da riqueza deste país, para o processo de escoamento da produção da nossa riqueza e, sobretudo, ela é extremamente importante para desenvolver o Centro-Oeste brasileiro.

Mesmo assim, ainda tem gente que não compreende, ainda tem gente que deve estar zangada porque nós estamos aqui, Sarney, porque tem um tipo de político no Brasil que por mais experiência que ele tenha, por mais mandatos que tenha, por mais cargos que eles tenham exercido, eles estão sempre torcendo para que as coisas não dêem certo no Brasil, para ver se eles voltam. Vocês acompanham a política, vocês vêem televisão, vocês ouvem rádio, lêem jornal e vocês percebem claramente que há neste país um conjunto de pessoas que torce para o país não dar certo.

Quando eu criei o programa Bolsa Família, apareceram alguns dizendo o mesmo que diziam, Sarney, quando você criou o Programa do Leite, um dos mais extraordinários programas para combater a desnutrição neste país, que terminou depois que você saiu da Presidência e nós estamos retomando agora.

Neste país tem um tipo de político que não gosta de pobre, tem um tipo de político que não respeita os trabalhadores, que acha que a gente dar dinheiro para a pessoa comprar arroz e feijão para comer é assistencialismo. É assistencialismo para quem toma café de manhã, almoça e janta e ainda joga metade da comida fora, que sobrou. Mas, para quem vive a pobreza neste país sabe o que significa uma criança tomar um café com pão com manteiga, sabe o que significa uma criança tomar um copo de leite, sabe o que significa uma criança ir dormir com a sua barriga cheia. Quem vive fazendo política só na capital ou na universidade ou quem fica fazendo política só em Brasília, não tem dimensão do Brasil real que nós enfrentamos.

É muito fácil fazer críticas sentado numa sala com ar-refrigerado, é muito fácil. Eles poderiam sair andando pelo Brasil para ver o Brasil real, para ver o Brasil do povo brasileiro, e eles ficam incomodados porque sabem que as prefeituras brasileiras nunca tiveram tanto acesso a

benefícios como têm em três anos do meu governo. Eles sabem porque o prefeito tinha que ir a Brasília mendigar um favor, tinha que se humilhar, gastar dinheiro naqueles hotéis, ficando três ou quatro dias, para conversar com um funcionário de quarto escalão do governo federal. Hoje, um prefeito chega no Palácio do Planalto, tem um gabinete para recebê-lo, chega na Caixa Econômica Federal, tem um gabinete para recebê-lo e não precisa fazer favor, porque o dinheiro da merenda escolar, o dinheiro do transporte vem direto para o prefeito, não tem atravessador e não tem intermediário.

Sarney, neste país, presidente da República não aceitava conversar com prefeito, aliás, os prefeitos eram atendidos, às vezes, com cachorros policiais. Nesses meus três anos, dos quatro anos de governo, em três teve Marcha e eu fui às três Marchas. Nunca perguntei se um prefeito era do PMDB, nunca perguntei se era do PT, nunca perguntei se era do PL, nunca perguntei se era do PSDB. A mim não interessava a que igreja ele pertencia, para que time torcia, a mim interessava saber que era prefeito de uma cidade e tinha responsabilidades.

Eu estou aqui hoje, na frente do povo de Tocantins, fazendo uma inauguração num trecho... na verdade não é inauguração, é visita a um trecho da ferrovia e nós vamos fazer, porque este país hoje tem auto-estima, este país hoje não é mais um paisinho onde o presidente da República tinha que mandar o seu ministro da Fazenda ao FMI pedir dinheiro emprestado para pagar as suas exportações. Agora, não precisa mais, agora, nós não devemos mais ao FMI, não devemos mais ao Clube de Paris e não devemos mais a ninguém. Nós agora somos donos do nosso nariz, nós agora dizemos e falamos o que queremos e fazemos aquilo que nós temos vontade.

É por isso que nós estamos aqui, visitando esta ferrovia, porque esta ferrovia é a espinha dorsal da integração do Centro-Oeste brasileiro com a totalidade dos 8 milhões e meio de quilômetros quadrados deste país, e esta obra não pára mais, esta obra vai continuar porque a desgraça deste país sempre foi essa, um presidente começava uma obra, o outro vinha e parava porque tinha que começar a dele, um presidente tinha uma política de programa social, o outro chegava e parava porque tinha que ter a marca do presidente. Nós não precisamos

de marca de presidente, nós precisamos é de marca de povo neste país, de homens e mulheres que constroem a riqueza deste país.

É por isso, meus companheiros e companheiras, que nós estamos dando um salto de qualidade extraordinário na questão da ferrovia brasileira. O que o nosso Ministro falou aqui são coisas extraordinárias. Ele falou até de outros estados, falou da Bahia, mas esse caso que ele contou da Bahia, do entorno lá de Cachoeira, às vezes os trens fazem manobra e atravancam o trânsito da cidade durante nove horas por dia. Então, é preciso alguém fazer. Esse trecho que ele disse, de São Francisco do Sul, é uma cidade pequena e que entope de caminhão. Então, nós temos que fazer. E fazer a Transnordestina. Algumas pessoas de alguns lugares do Sul do país... tem gente que acha que o Brasil é só a banda do Sul, eles não conhecem mais nada. Algumas pessoas já disseram para mim: “mas por que o Presidente vai gastar dinheiro numa Transnordestina?” Eu vou gastar dinheiro porque o povo nordestino é tão brasileiro quanto qualquer cidadão de qualquer parte deste país. E já cansamos de ver o Nordeste ser tratado como um lugar de segunda categoria, como um lugar que não tem jeito, e tem jeito.

Vamos ligar o porto de Suape ao porto de Pecém. Mais tarde vamos ligar a Paraíba e Rio Grande do Norte, e vamos ligar Eliseu Resende, no Tocantins. Tem lugar que já está desenvolvido, então pode ter uma rodovia ou uma ferrovia. Tem lugar que não está desenvolvido, é a ferrovia que vai desenvolver. Por onde vão passando esses trilhos, vocês vão ver, é como se fosse uma benção de Deus, atrás vai indo o desenvolvimento, atrás vão surgindo as vilas, vai surgindo o criador de gado, vai surgindo o plantador de soja, o plantador de feijão, o plantador de milho, e a gente vai vendo esse Brasil crescer, para que os nossos filhos possam viver num país muito mais digno e muito mais decente do que aquele em que nós vivemos. E nós temos que pensar no futuro.

Estamos fazendo isso aqui, Sarney, no reconhecimento do acerto do seu projeto e estamos fazendo mais. O Marcelo sabe o quanto nós estamos investindo em educação aqui neste estado e no país, porque houve um tempo em que um presidente da República e um ministro diziam: “não posso fazer tal coisa na educação, porque eu vou gastar muito dinheiro”. Educação não é gasto, educação é investimento. Cada

engenheiro que a gente formar, cada médico que a gente formar, cada assistente social que a gente formar, cada professor que a gente formar dá retorno imediato muito maior do que os empréstimos do BNDES dão, ou do Banco do Brasil, ou da Caixa Econômica Federal. Cada investimento que a gente fizer numa criança na escola ou num adolescente na universidade, cada centavo que a gente colocar lá, certamente será um centavo a menos que a gente vai precisar colocar numa cadeia, será um centavo a menos que a gente vai precisar colocar numa prisão.

Então, meus companheiros e companheiras, eu quero dizer para vocês da alegria... Esta semana, Sarney, foi uma semana cheia de alegria. Olhem, esta semana... depois eu vou falar de Serra Pelada. Esta semana foi uma semana maravilhosa. Na semana passada eu reuni o Conselho Nacional de Política Energética e a Petrobras anunciou ao Brasil: nós vamos utilizar óleo de oleaginosas, que pode ser soja, pode ser mamona, pode ser girassol, pode ser dendê, diretamente no petróleo e vamos fazer o refino direto para produzir biodiesel, sem o enxofre do atual óleo diesel, vamos produzir um diesel mais limpo. Isso vai garantir ao pequeno produtor que ele possa produzir, ao grande produtor que ele vai ter o preço garantido, e a gente vai poder regular com muito mais competência o preço das commodities neste país.

Uma outra revolução anunciada pela Petrobras é que nós vamos utilizar o álcool nas termelétricas para não precisar mais utilizar óleo diesel ou gás.

Uma terceira coisa que a Petrobras anunciou é que, até 2008, nós iremos ter explorado a mesma quantidade de gás que nós exploramos da Bolívia. Portanto, o Brasil não vai depender de ninguém nessa questão energética e isso coloca o Brasil – prestem atenção os mais jovens no que eu estou falando – isso vai colocar o Brasil, nos próximos 20 ou 30 anos, como a maior potência energética do mundo. Eu, agora, posso confirmar por que Deus é brasileiro: porque tem país com extensão territorial maior do que a nossa, tem país com mais tecnologia do que a nossa, agora, nenhum país tem 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, que a gente sabe da temperatura, que não tem furacão, que não tem terremoto... tem a seca, mas com um processo de irrigação a

gente vai resolvendo o problema da seca, ninguém vai conseguir competir com o Brasil.

Eu estava dizendo outro dia que eu jamais imaginei viver para ver a gente dizer: vamos comprar um barril de petróleo, ah não, vamos comprar uma “saca de petróleo”, vamos plantar um “hectare de petróleo”, porque vai ser assim, daqui a alguns anos vai ser assim, ninguém vai conseguir competir com o nosso querido país.

Eu sei que tem gente que gostaria que nada disso estivesse acontecendo, tem gente que gostaria que a inflação estivesse a 30%, tem gente que gostaria que as exportações brasileiras não estivessem crescendo, tem gente que gostaria que o FMI estivesse todo dia na minha porta batendo, tem gente que gostaria que eu não tivesse aumentado o salário mínimo, tem gente que gostaria que o emprego não estivesse crescendo, que o salário não estivesse crescendo, mas para desgraça deles, tudo isso está acontecendo em nosso país.

Sarney, meu querido presidente Sarney, quando eu te convidei para vir aqui é porque de vez em quando este país precisa ter humildade e fazer justiça às pessoas. O Juscelino Kubitschek, que hoje é tido como o mais importante presidente da história do país, é uma pena que vocês todos não tivessem nascido para ver como é que foi o mandato do Juscelino Kubitschek. Ele era chamado de ladrão todo dia, ele era provocado todo santo dia e ele não perdia a calma. As ofensas que faziam a ele, fazem pior a mim.

Agora, quando a gente chega ao cargo de Presidente, a gente não tem que perder a tranqüilidade. Toda vez que eu fico aperreado lá dentro, eu fico pensando: deixa eu ir me encontrar com o povo porque o povo pensa outra coisa, o povo tem outra cabeça. Quando eu convidei o presidente Sarney para vir aqui, foi um gesto de reconhecimento a um homem que governou este país na dificuldade que governou, todo mundo sabe o que aconteceu com o Tancredo, o Sarney assumiu. Um homem que tinha um partido de 300 e poucos constituintes, mas uma parte tinha um pouco de mágoa porque ele não era originário do PMDB, e comeu o pão que o diabo amassou.

Uma coisa eu tenho tranqüilidade, Sarney: nunca o ofendi, nunca lhe fiz uma provocação com uma palavra que eu não pudesse dizer

publicamente. E eu sei o quanto este homem foi ofendido, eu sei como ele foi atacado. Essa ferrovia mesmo foi muito atacada no Congresso Nacional e hoje a presença dele aqui é para dizer o seguinte: Sarney, apesar de tudo, valeu a pena você viver até o dia de hoje para ver a Vale do Rio Doce, para ver a nossa Ferrovia Norte-Sul no caminho que está.

Meus companheiros, muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.

Ah, Serra Pelada. Olhem, Serra Pelada, eu estava dizendo a alguns companheiros ali o seguinte: em dezembro, o ministro Silas queria que eu fosse a Serra Pelada para a gente fazer uma grande festa para a retomada do garimpo. E aí ele foi comunicado que tem um problema lá, tem uma disputa. Eu não sei quais são os grupos, mas me falaram que tem grupo não sei de quem, grupo do Curió e que as coisas estão meio complicadas. E o Presidente da República ficou impedido de ir, porque não houve o acerto final. Mas quero dizer para vocês que eu tenho todo o interesse de ir lá porque eu sei que ainda tem ouro lá, eu sei que novas tecnologias... a gente pode tirar ouro até de onde já foi tirado. E obviamente que se eu puder fazer alguma coisa para ajudar o povo a ganhar o pão de cada dia, podem ficar certos que eu vou fazer.

O que nós precisamos é encontrar um jeito de evitar os atritos entre os vários grupos em Serra Pelada, para que o Presidente da República possa ir lá assinar um acordo de paz e ver vocês com o bolso com um pouquinho mais de ouro.

A hidrelétrica de Estreito. Companheiros, eu sei que de vez em quando a gente faz um discurso fácil, dizendo o seguinte: a hidrelétrica de Estreito não está pronta porque o Ibama não deixa, não está pronta porque o Meio Ambiente não deixa, não está pronta por isso ou por aquilo. Vejam, este país, graças a Deus, é regido por leis, então o Ibama cumpre aquilo que está... Nós temos a lei que protege o índio, nós temos a lei que protege o meio ambiente, nós temos a lei que protege os quilombos, ou seja, o que o Ibama está fazendo é apenas cuidar de cumprir a lei, e o que nós estamos tratando com carinho é fazer com que todos os problemas a gente possa resolver. Eu quero dizer para vocês: não tem nenhum brasileiro com mais vontade de que a gente possa construir as hidrelétricas que faltam do que eu, até porque eu não quero

carregar nas minhas costas a marca do apagão que já carregaram antes de mim. E, para não ter apagão, tem que ter hidrelétrica. E hidrelétrica é a forma mais barata de produzir energia limpa. Agora, nós precisamos tomar cuidado. Mas podem ficar certos que vai sair.

Muito obrigado, gente.

Versão atualizada às 12h50

**Governo e sindicalistas assinam
acordo para reajuste do salário mínimo**

Nesta quarta-feira (27/12), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva participa da cerimônia de assinatura do acordo sobre a nova política de reajustes do salário mínimo, firmado entre o governo federal e as centrais sindicais. O acordo prevê que em 2007 o mínimo terá aumento real de 5,3%, passando a partir de 1º de abril de 2007 de R\$ 350,00 para R\$ 380,00. O salário mínimo já registra um ganho real de 26,02% entre 2003 e 2006, e em 2007 o ganho do período deverá subir para cerca de 32% acima da inflação. Só no ano de 2007, o reajuste trará uma injeção de R\$ 8,5 bilhões na economia e uma arrecadação extra de R\$ 2,1 bilhões em tributos, segundo projeções do Ministério do Trabalho e Emprego.

De acordo com a nova política, de 2008 a 2011, o mínimo terá reposição da inflação acrescida do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) verificado dois anos antes. A data de vigência do reajuste também será antecipada em um mês a cada ano, começando a vigorar em janeiro, a partir de 2010. Em 2011, a política será revista. O acordo prevê ainda um reajuste de 4,5% na tabela do Imposto de Renda Pessoa Física, de 2007 a 2010. A proposta será enviada ao Congresso sob a forma de projeto de lei. Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), os efeitos dessa política de valorização do mínimo serão monitorados a partir de indicadores que vão avaliar seu impacto na distribuição de renda, no mercado de trabalho e nas receitas e despesas da União, dos estados e dos municípios.

O atual valor, em vigor desde 1º de abril deste ano, é 13% maior, em termos reais, que o fixado em 2005. Segundo estudo do Observatório do Mercado de Trabalho do MTE, essa foi a maior variação desde 1996, quando comparado ao índice de inflação acumulado em 2005, que foi de 5,69%. De janeiro de 2003 a abril de 2006, o valor nominal do salário mínimo passou de R\$ 200,00 para R\$

350,00, e o ganho real de 26,02% equivale a um ganho real médio anual de 5,95%.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que, em 2005, dos 87,1 milhões de pessoas ocupadas no mercado de trabalho, 26,5 milhões (30,5%) ganhavam até um salário mínimo, percentual que chega a 48,5% na Região Nordeste. Em geral, rendimentos de até um salário mínimo são mais comuns no grupo de mulheres, principalmente nas regiões Norte e Nordeste, entre os trabalhadores do setor informal (sem carteira assinada) e trabalhadores domésticos. De acordo com dados do Ministério da Previdência Social, em outubro de 2006, 15,8 milhões de beneficiários receberam exatamente um salário mínimo e outros 550,3 mil receberam menos que esse valor (casos de pensão dividida entre vários dependentes), totalizando 16,4 milhões os beneficiários que receberam um salário mínimo ou menos.

Mais informações:

Assessoria de Imprensa do MTE

(61) 3317-6537/3317- 6540

acs@mte.gov.br

Leia o discurso do presidente Lula sobre o assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/discursos/pr1375.doc>

FOLHAONLINE

5/2003 - 19h21

Veja a íntegra do discurso de Lula em 1987

FERNANDO RODRIGUESda **Folha de S.Paulo**, em Brasília

Leia a íntegra do discurso do então deputado federal Luiz Inácio Lula da Silva em 6 de setembro de 1987, em Aracaju. Na ocasião, Lula se posicionou contra o limite mínimo de idade para aposentadoria (48 anos para mulheres e 53 anos para homens).

O material, que também tem críticas ao então presidente da República José Sarney e à TV Globo, foi entregue ao jornalista Fernando Rodrigues da **Folha de S. Paulo** pelo deputado João Fontes (SE) e provocou mais uma crise entre o governo e os radicais do PT.

Íntegra conforme fita de vídeo distribuída pelo deputado federal João Fontes (PT-SE), em 20.mai.2003. O texto está transcrição "ipsis verbis" do que foi dito, não tendo sido processadas correções de nenhuma ordem.

"Companheiros, companheiros e companheiras de Sergipe. companheiros e companheiras de Aracaju: eu penso que vocês têm consciência de que nós estamos aqui nessa praça com um objetivo comum a vários partidos políticos desse país; eu penso que é importante a gente saber de que existe diferenças entre os partidos políticos que estão nesse palanque, e eu penso que é importante a gente aprender a entender de uma vez por todas de que cada briga que a gente faz em praça pública, a burguesia deita e rola às custas da burrice da esquerda desse país.

Eu acho que vai ter momento em que a gente vai debater entre nós mesmos, na hora em que a gente tiver que escolher cada partido o seu candidato, na hora que a gente tiver na rua, cada partido com seu candidato pedindo voto, a gente vai divergir. Mas hoje existe uma coisa sagrada para um conjunto de partidos políticos e para um conjunto de deputados. Eu queria que vocês prestassem atenção porque a coisa é mais séria do que cada um de vocês pode imaginar e a televisão nem sempre conta a verdade pra população; aliás, na maioria das vezes o povo não sabe da verdade.

Vejam vocês, vejam vocês: o povo brasileiro, a dona de casa o adolescente, o aposentado, o chefe de família, ele hoje está desacreditado em tudo, ele não acredita mais em nada: e por que que ele

não acredita mais em nada? É porque muitas mentiras foram contadas para cada um desses 40 milhões de brasileiros, e na medida em que foi se acumulando um processo de mentiras, o povo chega em 1987 desesperançado, desacreditado e sem esperança em nada e ninguém.

E por que esse povo está sem acreditar? Porque, em primeiro lugar, mentiram pro povo quando disseram que a tal Aliança Democrática da Nova República ia dar certo; mentiram pro povo naquela campanha extraordinária das Diretas, quando o povo aqui de Aracaju veio pra rua dez vezes mais gente do que tem hoje, e depois meia dúzia de pessoas ao invés de se manterem firmes pra conquistar as diretas, preferiram nas caladas da noite trair esses 40 milhões de brasileiros e fazer com que as diretas fosse desacreditadas.

Traíram o povo brasileiro no primeiro Plano Cruzado, traíram o povo brasileiro no segundo Plano Cruzado, traíram o povo brasileiro no plano Bresser Pereira, e agora o povo está mais desacreditado ainda porque alguns vieram na rua prometer que a Constituinte iria resolver todos os problemas da população e hoje a gente percebe que a Constituinte também não vai resolver.

E porque que não vai resolver? Não vai resolver porque nós somos apenas cem ou cento e poucos deputados comprometidos com a luta desse povo e tem quatrocentos e cinquenta representantes do poder econômico e que não estão a fim de fazer com que a Constituição garanta direitos ao nosso povo: e qual é os direitos que o nosso povo quer? O que o nosso povo está reivindicando de mais?

Nós hoje somos um país que temos um milhão e quatrocentos mil trabalhadores que perdem um pedaço da mão dentro das fábricas todo ano; nós hoje somos um país que morre um trabalhador a cada quarenta minutos por acidente de trabalho; nós hoje somos um país de dois milhões e meio de meninas de 10 a 15 anos de idade que são obrigadas a se prostituírem pra continuarem sobrevivendo em função da miséria causada pela política econômica; nós hoje somos um país de 13 milhões de brasileiros com problemas de doenças mentais; nós hoje somos um país com 13 milhões e meio de pessoas comendo menos comida, com menos de 1.400 calorias diárias, quando o mínimo necessário é 2.600.

Nós hoje somos um país aonde o Nordeste clama, como clamava há 50 anos, por indústria, por emprego, por reforma agrária, e não tem emprego, não tem indústria, não tem reforma agrária porque não tem vergonha na cara daqueles que governam esse país nos últimos 20 anos; nós hoje somos um país com praticamente 20 milhões de crianças abandonadas; nós somos um país com 16 milhões de analfabetos; nós somos um país aonde a história é contada pela Rede Globo de Televisão porque o senhor Roberto Marinho não faz outra coisa a não ser mentir para o povo.

Nós hoje somos um país aonde as nossas crianças não têm o direito de brincar como crianças, aonde as nossas crianças e a grande maioria das crianças da classe trabalhadora passam a semana em semana pedindo um doce pro pai e o dinheiro do pai não dá pra comprar esse doce; pedindo um guaraná pro pai e o dinheiro do pai não dá pra comprar um guaraná, porque nesse país miserável a classe trabalhadora ganha 2.200 cruzados por mês, e 2.200 cruzados por mês, 2.200 cruzados por mês não dá pra nenhum cidadão sobreviver.

Seria muito importante, e eu diria por demais importante pra classe trabalhadora, que ao invés do Sarney dar 250 cruzados em abono para a classe trabalhadora, pede pra mulher dele ir pro supermercado fazer surpresa, ele iria perceber que não dá pra comprar pra essa classe trabalhadora comer.

Nós somos um país aonde a grande maioria da classe trabalhadora brasileira que trabalha 30 anos, ao se aposentar pensando que vai descansar os últimos dias da sua vida com a sua mulher, ele percebe que a aposentadoria corrói e come mais de 50% do seu salário e ele é obrigado ou a arrumar um outro emprego ou a vender bilhete de loteria ou fazer bico na rua.

Um país que tem tudo, mas falta vergonha na cara das autoridades para poder administrar essa riqueza imperecível do nosso povo; nós somos um país aonde quem manda aqui, apesar de Tiradentes ter morrido pela nossa independência, a nossa independência ainda não chegou aqui porque ficou na conta dos banqueiros internacionais; porque um país que deve 110 bilhões de dólares não tem independência e nós sabemos que o governo brasileiro não tem alternativa, ele vai ter que escolher: ou ele enche o rabo dos banqueiros de dinheiro do nosso sangue, do nosso suor, e se ele fizer essa opção ele vai levar a classe trabalhadora a continuar passando fome, porque o dinheiro que ele tá pagando de juros aos credores internacionais daria pra construir 3 milhões e meio de casas populares; daria pra construir hospitais, daria pra construir ruas, daria pra construir escolas, daria pra matar a fome da maioria das nossas crianças que hoje mendingam na rua.

E a Nova República é pior do que a velha, porque antigamente na Velha República era o militar que vinha na televisão e falava, e hoje o militar não precisa mais falar porque o Sarney fala pelos militares ou os militares falam pelo Sarney. Nós sabemos que antigamente -os mais jovens não conhecem-, mas antigamente se dizia que o Ademar de Barros era ladrão, que o Maluf era ladrão; pois bem: Ademar de Barros e Maluf poderiam ser ladrão, mas eles são trombadinhas perto do grande ladrão que é o governante da nova República, perto dos assaltos que se faz.

E vocês, companheiros e companheiras, companheiras professoras e companheiros professores, companheiros trabalhadores e companheiras trabalhadoras, eles estão querendo pregar uma peça na gente, na

Constituinte. Há 3 anos atrás os professores brasileiros fizeram uma luta memorável e conseguiram aposentadoria aos 25 anos de trabalho.

Hoje, no projeto de Constituição feito pelo Bernardo Cabral, ele está colocando a aposentadoria da mulher aos 30 anos de trabalho e ela só pode se aposentar quando tiver 48 anos de idade; a aposentadoria do homem, que hoje é de 30 anos com 80%, aos 35 com 100%, sem limite de idade, eles estão querendo impor um limite de idade; o trabalhador só vai se aposentar com 35 anos se tiver 53 anos de idade.

Ora, por que que eles querem fazer isso? Eles querem fazer isso porque sabem que a média de idade do povo brasileiro é uma média de idade muito baixa, possivelmente no Sul do país chega a 62 anos e no Nordeste possivelmente não chega a 55 anos; e eles querem criar o limite de idade para que a classe trabalhadora morra antes de se aposentar, e nós não poderemos permitir isso.

É por isso, companheirada, que nós estamos aqui pra reivindicar as eleições diretas para Presidente da República.

Nós não queremos as eleições diretas para trocar um homem por outro homem; não queremos eleições diretas para tirar o sicrano e botar beltrano; nós queremos eleições diretas pra tirar um segmento social e colocar outro segmento social; nós queremos as eleições diretas para tirar a burguesia e colocar a classe trabalhadora pra governar esse país; colocar a classe trabalhadora para poder mandar nesse país e pra determinar os direitos desse país.

Mas quando a gente chega e vai verificar por que que o governo não tá fazendo nenhum benefício pro nosso povo? O governo com a maior cara de pau vai pra televisão e diz que não tem dinheiro; e não é verdade, dinheiro eles têm, porque agora mesmo o ministro da Previdência Social pegou 1 bilhão de cruzados e ao invés de aplicar no salário dos aposentados, comprou 328 apartamentos para 328 marajás em Brasília.

O presidente da República ao invés de fazer açude, ao invés de fazer cacimba, ao invés de fazer poço artesiano ou fazer irrigação no Nordeste, vai gastar 2 bilhões e meio de dólares pra construir uma ferrovia, Norte-Sul, ligando a casa dele, no Maranhão, à casa dele. em Brasília.

É por isso, meus companheiros de Aracaju e meus companheiros de Sergipe, eu sou daqueles que sonham com outro país; eu sou daqueles que acham que o Brasil é extraordinário; eu sou daqueles que acham que o Brasil tem riqueza; o Brasil tem uma classe trabalhadora extraordinária; o Brasil é feito de uma sociedade da mais extraordinária formação política e da mais extraordinária índole. Entretanto, nós não temos Governo.

O Sarney, ora diz que manda..., mas não manda, quem manda é os

milico; o Ulisses Guimarães ora diz que manda..., mas não manda, quem manda é os milico. E na briga do Sarney com Ulisses, quem manda mais ou quem manda menos, a classe trabalhadora se ferra e é a classe trabalhadora que paga o pato dessa incompreensão deles.

Eu acredito num país, eu acredito num país aonde as nossas donas de casas possam viver decentemente com seus maridos; num país aonde as crianças tenham escola, num país que tenha creche, num país aonde as crianças possam brincar, possam correr, possam empinar papagaio, jogar bolinha de gude, aonde as crianças possam ser crianças.

Eu acredito num outro tipo de país, mas para que a gente tenha um outro tipo de país é preciso que a gente tenha um outro tipo de governo porque esse que tá lá não é governo, esse que tá lá, na verdade, é um impostor porque não chegou à Presidência da República pelo voto direto do povo; chegou à Presidência da República assaltando o poder.

É por isso, companheirada, que eu queria terminar dizendo pra vocês uma coisa muito importante; eu queria terminar dizendo pra vocês uma coisa que eu digo quase em todos os comícios: os militares desse país e o poder econômico desse país podem matar duas, duas ou três rosas, mas não conseguirão deter a chegada da primavera.

Muito obrigado, companheiros, e até a conquista das eleições diretas, se Deus quiser."

Sites relacionados

- [Veja o site do jornalista Fernando Rodrigues](#)

Veja o site do jornalista Fernando Rodrigues
<http://www.uol.com.br/fernandorodrigues>

ANEXO 5

Só 11% da população confiam nos políticos

Polícia Federal e militares estão em alta

● BRASÍLIA. A classe política merece a confiança de apenas 11% dos brasileiros. Os partidos políticos têm credibilidade um pouco maior: 16%. Os números foram apresentados ontem pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) e integram o resultado de uma pesquisa nacional encomendada pela entidade. A mesma consulta mostrou que a Polícia Federal e as Forças Armadas estão em alta: aparecem como as instituições mais confiáveis do país, com a aprovação de 75,5% e 74,7% dos entrevistados, respectivamente.

No mundo político, a instituição mais criticada é a Câmara, que tem a confiança de apenas 12,5% dos brasileiros. No Senado, o percentual é de 14,6% e, nas câmaras de vereadores, 18,9%. A pesquisa revela uma melhor avaliação do Executivo em relação ao Legislativo: o governo federal detém 39,3% de credibilidade e as prefeituras e governos estaduais, 40,8%.

Apesar do desprestígio dos políticos, para 85% dos entrevistados, a corrupção pode ser combatida. E 94,3% defendem que políticos processados na Justiça sejam impedidos de disputar eleições. A imprensa foi bem avaliada: dos entrevistados, 59,1% a consideram confiável.

Dos três poderes, o Judiciário tem a melhor imagem, com 41,8% de aprovação. Os juízes têm 45,5% de confiabilidade. Dos entrevistados, 52,7% elogiaram o Supremo Tribunal Federal, e 71,8% aprovaram o desempenho dos juizados de pequenas causas. Demonstraram desconhecer a diferença entre Ministério Público e Judiciário 43,6%: não sabem que o primeiro tem a função de investigar, denunciar irregularidades e propor ações judiciais, enquanto os tribunais julgam os casos.

O GLOBO 28/9/07

ELEIÇÕES 2006

'Peguei o Brasil desarranjado e arrumei a casa'

Lula mantém estratégia de comparar sua gestão com a de FH mas usa a economia, que teve continuidade

Cristiane Jungblut

BRASILIA. Em seu primeiro discurso numa cerimônia oficial em Brasília já como candidato declarado à reeleição, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva manteve ontem os ataques à gestão do tucano Fernando Henrique Cardoso. Disse que assumiu o governo com "o Brasil desarranjado" e que conseguiu arrumar a casa. Ao discursar na abertura da 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária, Lula disse que as dificuldades eram tantas que até economistas do PT duvidavam da sua capacidade de resolver os problemas. No início do governo, Lula recebeu de vários economistas ligados ao PT críticas sobre a condução da política econômica.

O Brasil, quando pegamos, era assim: uma coisa um pouco desarranjada. As pessoas achavam que não ia dar certo. Economistas sérios como Paulo Singer, como Maria da Conceição Tavares, achavam que a gente ia ter muita dificuldade. Alguns achavam até que o país estava quebrado. O que aconteceu? O que aconteceu é que conseguimos arrumar a casa de tal ordem que alguns críticos do passado não sabem como explicar — disse Lula.

Citação ao FMI no discurso

Entre as arrumações, citou a devolução de US\$ 15,6 bilhões ao Fundo Monetário Internacional (FMI), o pagamento de dívida com o Clube de Paris e até pagamento de débitos relativos à moratória feita no governo José Sarney.

Na conferência, organizada pelo Ministério do Trabalho num clube de Brasília, Lula ou-

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

Ele deu continuidade à política tucana, dizem

O cenário internacional favoreceu a política econômica no governo Lula, que é uma continuidade da do tucano Fernando Henrique, e contribuiu para recompor o cenário que o presidente classificou de "desarranjado". Na avaliação de especialistas, o mérito pela estabilidade econômica se deve, em grande parte, ao fato de Lula ter dado continuidade à cartilha tucana. Todos reconhecem, no entanto, que o Brasil enfrentava em 2002 uma conjuntura de crise, exacerbada pelo que consideram incerteza natural do processo eleitoral — pelos discursos díbilos do PT, pela crise argentina e pela alta taxa de câmbio.

Professor da Fundação Getúlio Vargas-SP, Paulo Nogueira Batista Junior reconhece que o quadro era de fragilidade, em 2002, mas lembra que o governo Lula manteve a sobrevalorização cambial — um dos fatores que contribuíram para a crise pré-eleição do presidente.

Novamente aplaudido pelo claque, Lula disse que agora o Brasil impôs sua independência aos poderosos.

O Brasil não depende mais do FMI, do sorriso do presidente americano. O Brasil depende só de nós. Lula brincou que, cada vez que perdia uma eleição, discutia com os economistas do PT problemas como a questão da dívida externa e a relação com o FMI. Citou Paulo Singer,

Novamente aplaudido pelo claque, Lula disse que agora o Brasil impôs sua independência aos poderosos. O Brasil não depende mais do FMI, do sorriso do presidente americano. O Brasil depende só de nós. Lula brincou que, cada vez que perdia uma eleição, discutia com os economistas do PT problemas como a questão da dívida externa e a relação com o FMI. Citou Paulo Singer,

pagar dívidas e diminuir a vulnerabilidade externa da economia brasileira. O que discorda é da ideia de que as políticas anteriores eram piores do que as adotadas atualmente. Foi feita uma continuação — afirmou.

Ex-diretor do Banco Central e professor do Ibmec, Carlos Thadeu de Freitas lembra que o risco-país ultrapassou os dois mil pontos em 2002. Ele afirmou que o governo Lula desarmou os nós da economia com uma política fiscal rígida. A crise na economia, na avaliação dele, tinha origem na crise argentina e no risco de apagão.

O quadro internacional ajudou muito o presidente a desatar os nós. Os ventos sopravam a favor. No começo, ele desarmou a crise demonstrando que seguiria a política correta, com uma política fiscal rígida. Havia, no mercado, o chamado "lulômetro", usado politicamente contra o então candidato. Eleições sempre geram incerteza.

Eduardo Suplicy, Aloizio Mercadante, Paulo Nogueira Batista, Maria da Conceição Tavares. Na mesa de convidados estavam Paulo Singer, secretário nacional de Economia Solidária, e o senador Duplcy.

De vez em quando eu dizia para eles: diabos, vocês são meus amigos e dizem que o Brasil está quebrado e que o Brasil que eu seja presidente da República? — contou Lula, sorrindo.

Em mais um ataque ao governo tucano, Lula disse que é preciso arcar com as responsabilidades da herança recebida. — Temos que cumprir nossos compromissos. São compromissos internacionais, feitos por governos anteriores. E, quando a gente casa com a viúva, a gente tem que herdar os filhos também — disse Lula, provocando risos da platéia.

"Temos vocês e vocês têm a nós"

Em mais uma crítica, Lula disse que o país não estava preparado para adotar ações que beneficiassem a parte mais pobre da população. Ele citou programas como o Microcrédito, que resultou, segundo ele, na inclusão de milhões de pessoas ao sistema bancário.

Nós temos vocês e vocês têm a nós. Temos um governo com decisão política para fazer as coisas. Vocês sabem o que precisa ser feito. Isso tudo junto a fome e a vontade de comer. E a comida está na mesa — disse Lula, numa referência ao Fome Zero.

Ainda em seu discurso, o presidente admitiu que achava que seria "mais fácil" vencer resistências do próprio Banco Central para criar cooperativas, por exemplo.

Achava que era tudo mais fácil. Mas sou o reivindicador-mor: reivindicador para mim todo santo dia. Entre as autoridades presentes estava o prefeito de Diadema, José de Filippi Júnior, comanda para ser o tesoureiro da campanha de Lula e do PT.

NO GLOBO ONLINE:

O presidente tem razão ao afirmar que o país estava desarranjado quando assumiu?

ANEXO 6 (b)

FOLHAONLINE

27/06/2006 - 13h23

Lula diz que antes dele Brasil era desarranjado

ANDREZA MATAIS

da Folha Online, em Brasília

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou hoje, em discurso na 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária, em Brasília, que antes dele o "Brasil era uma coisa meio desarranjada" e revelou que chegou a se questionar sobre se deveria disputar a Presidência diante de algumas avaliações de que o país iria quebrar.

"O Brasil era uma coisa meio desarranjada. As pessoas achavam que não iria dar certo. Economistas sérios como o Paul Singer e Maria da Conceição Tavares achavam que eu teria muitas dificuldades. Alguns achavam que o Brasil estava quebrado e eu dizia: Diabo, vocês são meus amigos, dizem que o Brasil está quebrado e querem que eu seja presidente da República?", afirmou.

O presidente comparou o país que recebeu com um avião com peças desmontadas. "O Brasil quando nós pegamos era assim", continuou.

Segundo Lula, ele conseguiu "arrumar a coisa" e hoje o Brasil é outro "de tal ordem que alguns críticos do passado não sabem como explicar como é que a gente resolveu o problema da economia brasileira".

Lula citou como exemplo o fato de no ano passado o governo ter devolvido ao FMI (Fundo Monetário Internacional) US\$ 15,6 bilhões; saldar [dívidas com] o Clube de Paris e pagar a dívida das moratórias do tempo do ex-presidente José Sarney. "A poupança interna passou de 17% para 32%", complementou.

O presidente citou ainda a inclusão bancária que, segundo ele, permitiu o acesso de seis milhões de pessoas a instituições bancárias. "Até então o pobre não sabia entrar na agência porque não era atendido. Não tinha café no bule", disse. Conforme o presidente, antes dele, "o Brasil não estava preparado para cuidar da parte mais pobre do país".

No segundo ato que participou depois de ter lançado sua candidatura à reeleição, o presidente ouviu do presidente da Cooperativa Geralcoop, Niro Rossi Nobre Barrios, que a entidade irá ajudar na campanha. "O senhor pode contar para sua reeleição com essa grande parcela de pessoas para por em prática um novo modelo de desenvolvimento", afirmou.